ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PRIMEIRO SEMESTRE DA SEGUNDA SERIE

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
REVISTA SEMANAL DOS ACONTECIMENTOS
DA VIDA PORTUGUEZA
DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS
2.ª SERIE
1.º SEMESTRE
EMPREZA DO JORNAL O SECULO
ARTE
SCIENCIA
RUA FORMOSA — LISBOA
ALONSO

ILLUSTRAÇÃO

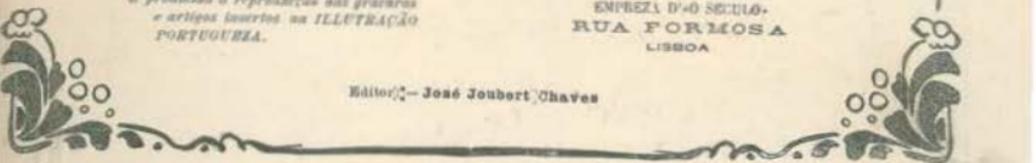
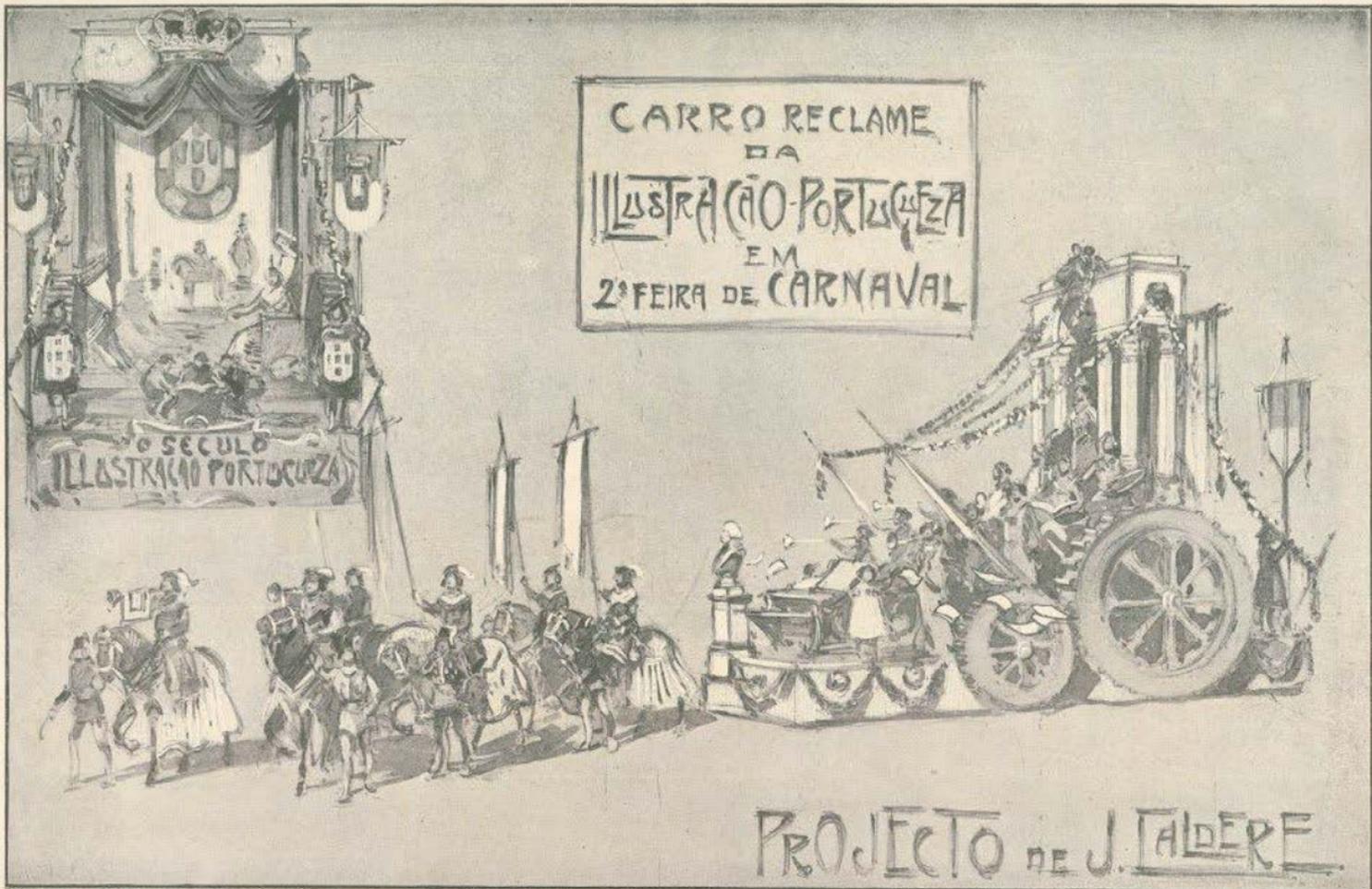
PORTUGUEZA

Revista semanal dos acontecimentos da vida portugueza

Vida social, vida politica, vida artistica,
vida litteraria, vida mundana, vida sportiva, vida domestica

PRIMEIRO SEMESTRE

EMPREZA D'«O SECULO»
RUA FORMOSA
LISBOA

Editor: — José Joubert Chaves

CARRO RECLAME
DA
ILLUSTRAÇÃO-PORTUGUEZA
EM
2ª FEIRA DE CARNAVAL
O SECULO
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
PROJECTO DE J. CALDERE

A Mascara
São tres dedos apenas de velludo...
Mas que mysterio tenebroso e inquieto,
N'esses tres dedos de velludo preto,
Que escondem tudo e que revelam tudo!

Que encanto inexprimivel e secreto,
Quanta expressão n'esse farrapo mudo
Que atravessou Veneza, foi o Entrudo,
E intrigou nas comedias de Moreto!

Velha irmã d'Arlequim, tem o poder
De augmentar o prestigio da mulher
E de, ao escondel-a, redobrar-lhe o encanto.

E eu fico-me a pensar, eu, que me illudo,
Como só com tres dedos de velludo
Cabe um mysterio que perturba tanto!
Julio Dantas

CARRO DE HONRA DO CORTEJO DO CLUB DOS FENIANOS, NO PORTO

Projecto de Teixeira Lopes

(Cliché de Guedes d'Oliveira.)

Um atelier de guarda-roupa

Os guardas-roupa

Os guardas-roupa de Lisboa são destinados a vestir peças de theatro e se, pelo entrudo, alguns fatos alugam, isso não póde constituir um rendimento que lhes dê para se manterem o resto do anno. Geralmente confecciona-se o trajo que se quer vestir no Carnaval; raramente se recorre ao guarda-roupa. Durante a festa carnavalesca e alguns dias antes, apenas tem uma grande procura o dóminó. E' uma cousa que se enverga á pressa e é barata. Só n'uma ou n'outra cabecita de costureira ou de burguezinha apparece a idéa de recorrer ao *costumier*. Vão ali procurar as vestes roçagantes com galões, rendas e dourados de que gostam, os trajos com ares realengos e com que contam surprehender as amigas ou fazer furor nas sociedades particulares. Um ou outro patusco aluga uma veste de *pierrot*, um fato de velho d'entrudo. As pessoas de sociedade não procuram no *costumier* o trajo que vão vestir para assistir ás suas festas.

E, no emtanto, nos guardas-roupa ha alguns fatos bellos, ricos mesmo, e de certo rigor historico, porque o *costumier* é um homem com uma especie de curso pratico do vestuario atravez dos tempos. Sabe quasi por instincto as cousas; a maneira por que se tem vestido o universo. Conhece tudo, desde a tradicional e pudica folha dos nossos primeiros paes até á toga dos romanos, desde a cota damasquinada dos seculos de cavallaria até á casaca bordada dos peraltas; conhece as vestes symbolicas da gente da Egreja e até onde se póde levar o decote d'uma incrivel do Directorio; sabe as armas que condizem com o trajo, se o montante rijo ou se o espadim cinzelado, se o bastão alto, se a luneta petulante, e no meio da sua loja, com duas ou tres costureiras, elle alarga ou encolhe as peças de vestuario, transforma uns calções do tempo de D. João V n'uns do tempo de D. Maria I, faz a metamorphose das casacas, prega-lhes ouro, aperta-as, vira-as com uma presteza de fazer inveja a alguns politicos e, com um golpe de vista sem egual, colloca uma fita no logar onde esteve um galão, mette n'um fato que serviu a D. Quixote um actor anafado, e no fato de Sancho Pança, o que é mais facil, veste um espinafrado discipulo de qualquer theatro. Pelo Carnaval, á noite, sobretudo, quando ha mais pressa, envolve n'um costume de alta dama d'um seculo passado o sujeito folião que deseja dar uma rapida volta no baile de mascaras a largar piadas aos conhecidos; faz d'um pacifico burguez um guerreiro, d'uma prudente dama uma desenvolta moçoila de Vianna, d'um exquisito velhote um esturdio mancebo. Arranja assim uma transformação rapida com os trajos amontoados no seu *atelier*, suspensos de escapulas, n'um amontoado de feira e com o mesmo gesto e com o mesmo sorriso, saltitando em volta da figura, olhando-a d'alto a baixo como quem se revê na obra, veste de repente o actor que vae crear um papel immortal e o caixeiro que se disfarça em nababo ou em lanceiro gentil para espantar os socios da sua Academia Recreativa e Musical.

UM TRAJO ORIENTAL

TRAJE LUIZ XIII

UM GIBÃO

AS ORIGENS DO CARNAVAL

A'S ORIGENS DO CARNAVAL ◎ O CARNAVAL NA EGREJA ◎

Certo anthropologista definiu o homem: «um animal que ri». Já o velho cura de Meudon o affirmava, no seu immortal *Gargantua*: «par ce que rire est le propre de l'homme». Fazer a historia do Entrudo como expressão d'esse gesto social, d'essa, disparatada mimica humana que se chama Riso, — é fazer a historia de toda a Humanidade.

SUA ALTEZA O INFANTE D. MANUEL
(Cliché da Casa Bobone)

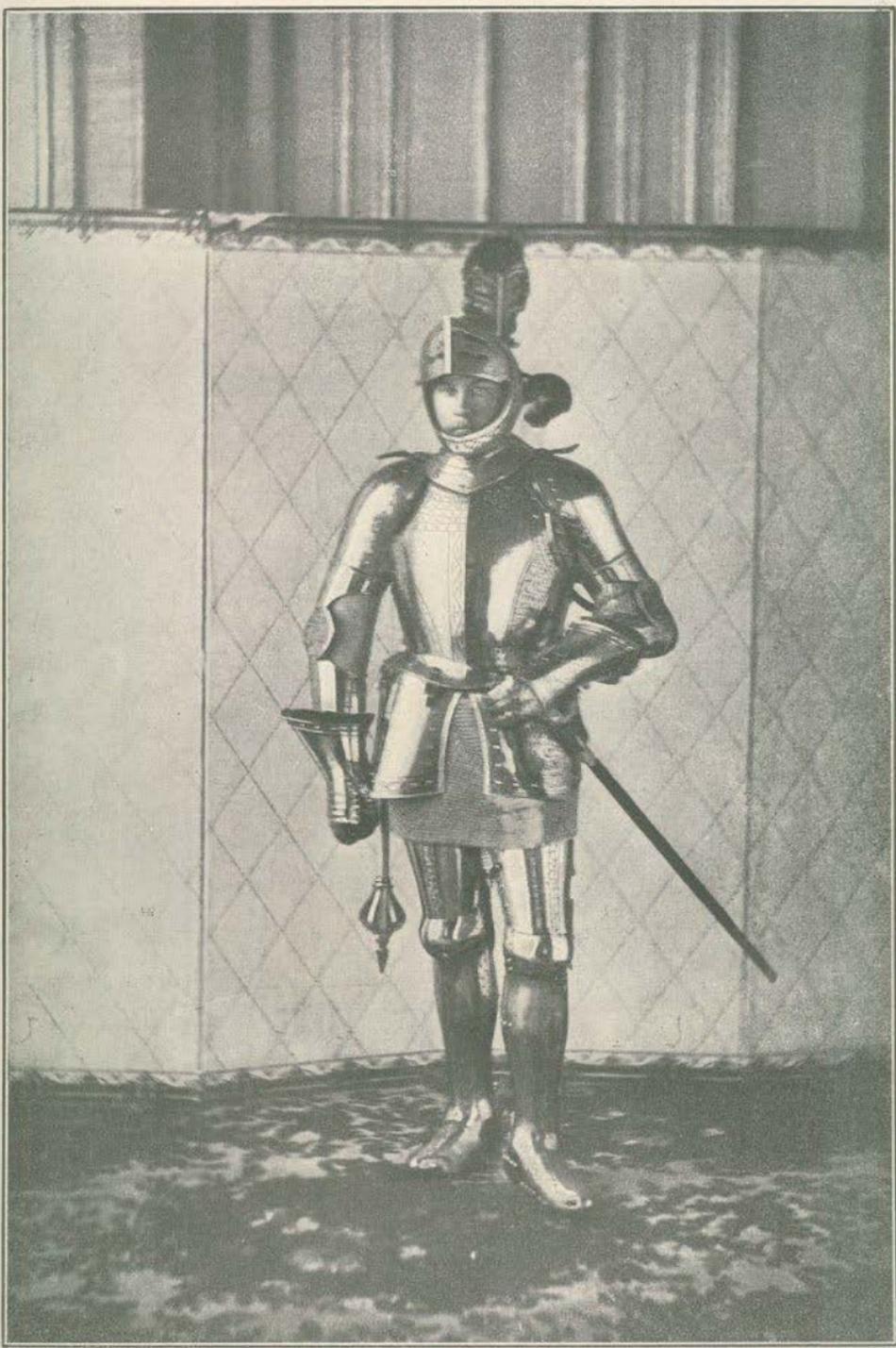
O Carnaval existiu sempre. Se remontarmos na sua genealogia, vemol-o surgir nas Bacchanaes e nas Saturnaes do cyclo greco-romano. O escravos mascaravam-se de senhores, e os senhores de escravos. Lucullo servia em baixellas d'oiro os seus proprios famulos. Nas calendas de janeiro as togas pretextas dos senadores envolviam torsos de negro. As festas de Saturno caracterisavam-se sempre por uma tendencia invencivel a alterar a ordem regular da sociedade. Eram o que ainda hoje quer ser o Entrudo dos nossos dias, — uma convulsão transitoria da hierarchia social.

Depois, entrados na barbara Edade Media, sobretudo em seguida ao Millenario, em que a Terra, na phrase do sombrio Glaber, «se cobriu d'um manto branco d'Egrejas», a idéa religiosa passou a dominar todas as manifestações da actividade humana: a Arte fez-se christã, o Riso fez-se christão. Ao lado da liturgia sagrada surge uma liturgia burlesca. O Carnaval entra desassombradamente na Egreja. Os clerigos dançam em volta d'um jumento mitrado d'oiro; as cathedraes tornam-se theatros; diaconos e sub-diaconos, baculo em punho, montam animaes fabulosos; elege-se um bispo idiota na festa da Epiphania; o Carnaval barbaro das Saturnaes transforma-se no Sant'Intrudo christão. A propria architectura religiosa reveste uma fórma caricatural: os telhados cobrem-se de gárgulas hilariantes; por toda a parte, nos tympanos, nos capiteis, nas pilastras, surgem grotescos obscenos. Sobretudo na velha Hespanha, o rito mosarabe é colorido, pittoresco, complacente. O povo canta nas cathedraes, os bispos dançam com o povo, as figurações e as representações succedem-se, os clerigos mascaram-se, — é um Carnaval perenne, sem gravidade, sem dogmas, sem o pesadello hieratico, auctoritario, sombrio, do catholicismo romano. Na Sé de Toledo, na nossa velha Sé de Braga, onde algum tempo se seguiu o rito mosarabico, a liturgia reveste um caracter accentuadamente burlesco: faz-se no Natal a «festa do Asno», faz-se na Epiphania a «festa dos B[...] bos». É tão curioso [...] tão singular o rito, qu[...] no seculo XVI aind[...] o cardeal Ximénes con[...] serva em Toledo, com[...] expressão archeologic[...] da tradição primitiva, uma ca[...] pella onde se celebra pe[...] Missal mosarabe. O Carnava[...] das Saturnaes installára-se la[...] gamente na Egreja.

SR.ª D. MARIA ISABEL O'NEILL
(Cliché da Casa Bobone)

O CARNAVAL E AS PROCISSÕES ◎ O REI DAVID ◎ AS DANÇAS ◎

Mas este estado de coisas não podia durar muito. R[...] ma urgiu então, cardinal[...] cia e sumptuosa, aspirando [...] realeza do mundo e ao imp[...] rio das consciencias. Aos r[...] tos simplistas, ao mosarabi[...] mo, á liturgia pittoresca d[...] primitiva Egreja, succed[...] ram-se as formulas hirta[...] graves, severas do cathol[...] cismo romano. O Sant'Intr[...] do, deslocado das cathedrae[...] e das abbadias, secularisou[...] se. O espirito popular, indi[...] ferente a uma religião qu[...] não sentia, divorciou-se d[...] Egreja, — para só voltar a el[...] com as fogueiras e com [...] autos de fé. O Carnaval de[...] xou o côro dos mosteiros [...] o cruzeiro das Sés e alastro[...] em plena rua, sobre o lag[...] do barbaro das vielas e d[...] becos, dançando, uivand[...] cabriolando. O povo, o nos[...] violento e ingenuo povo, qu[...] si livre pela municipalisaç[...] e pelos foraes, celebrava, [...] alegria trasbordante do Ca[...] naval das ruas, as suas b[...] das com a Liberdade. Do an[...] tigo Entrudo religioso, qua[...] liturgico, apenas ficaram [...] procissões, — e essas atrave[...] sam os seculos com o seu [...] de mascarada solemne, hiera[...] tica, as suas danças, as sua[...] cavalgadas, as suas figura[...] ções fabulosas. Ainda hoje o Corpus-Christi, com o S. Jo[...] ge, os negros das trombetas, o homem de ferro, as basilica[...] os pagens, e o Cirio do Cabo na pompa das suas berli[...] das, do seu juiz equestre, da sua carroça d'anjos, s[...] apenas uma reliquia, uma reminiscencia do primitiv[...] Carnaval das Egrejas. Os proprios autos sacramenta[...] não passam de resurreições mosarabes, libertarias, qu[...] si irrespeitosas. Mas se as procissões resistiram á gr[...] vidade hirta do dogmatismo romano, foi ainda e semp[...] porque o povo contribuiu para ellas. São a forma ma[...] nitidamente democratica da nossa religião: a *plebs pu[...]* não podia deixar de as comprehender e de as senti[...]

Entre nós, os elementos originaes com que o povo co[...] tribuiu para a perpetuação das procissões fôram [...] *Danças*. Nos seculos XIV, XV, XVI, XVII e XVII[...] ainda mesmo em pleno seculo XIX, no coração da pr[...]

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ
A sombra do «Hamlet»

SUA MAGESTADE A RAINHA D. MARIA PIA
de tricana

vincia, não havia procissão nem cortejo que não levasse no coice um pachulião dançando, com grandes barbas, corôa de papelão doirado, vestes reaes e uma lira na mão: era o *Rei David*. Figura profundamente caricatural, o *Rei David* das procissões, que ainda hoje vemos no Carnaval seguindo a velha dança da lucta, é das mais curiosas creações da imaginação popular. Seculos e seculos, gerações e gerações, viram passar a sua corôa doirada e a sua barba de estopa. O antigo povo portuguez, sincero e profundamente monarchico, ria a perder vendo atravessar as ruas, de manto arregaçado e nariz postiço, esse eterno áchincalhamento da realeza. Não havia festa sem *Rei David*. Ser *Rei David* nas procissões, nas danças, nos cortejos, nas touradas, era uma verdadeira profissão, um legado hereditario de paes a filhos. Nas touradas de Salvaterra, em 1747, nas grandes touradas do Terreiro do Paço em 1795, lá ia o *Rei David*, precedendo as danças, com a corôa no alto da cabeça, aos uivos, aos pulos, ás arrecúas. Mas não foi esta a unica figura de creação popular. Houve outras, egualmente pittorescas, egualmente hilariantes: o *Joan Rana*, o *Manoel Trapo*, a *Chainha*, preta retinta coberta de ramaes de coral e de soalhas doiradas, que executava nas procissões uma especie de dança de ventre.

Além d'estas figuras, havia as *Danças* propriamente ditas, d'uma organisação complexa e disciplinada, — a *Dança das Espadas*, que ainda agora vemos no Entrudo com o nome de dança da lucta, a *Dança dos Machatins*, composta de rapazes vestidos de todas as côres, a *Dança das Ciganas*, a *Folia de S. Frei Pedro Gonçalves*. Todas estas danças, cujas reliquias se distinguem ainda no Carnaval de hoje, tiveram uma origem religiosa e fôram exclusivamente creadas como subsidio popular ás formas hieraticas do catholicismo romano. Executavam no trajecto das procissões os *bailos* do tempo, cujos nomes mais ou menos barbaros chegaram até nós, — a *chacoina*, o *citarado*, as *fôfas*, a *marisapoles*, o *sarambéque*, o *arrepia*, o *villoco*; eram verdadeiras mascaradas que um delirio de movimento agitava e convulsionava. E á frente de todas ellas, constante, imprescindivel, arregaçado, de canellas á mostra e corôa no alto da cabeça, o eterno *Rei David* abanava a lira doirada, — como uma satyra inconsciente do povo á monarchia auctoritaria e cezarista.

MARQUEZA DE PENAFIEL.
No baile «masqué» da Ajuda

REIS QUE SE MASCARAM — O ENTRUDO NA CORTE

O clero teve o seu Sant'Intrudo na Egreja primitiva e no rito mosarabe; o povo fez o seu Carnaval dançando e comendo (*carnem vale*, adeus á carne); a nobreza, porém, foi a ultima a comprehender e a sentir o que havia de quasi instinctivo n'essa degenerescencia christã das Saturnaes romanas.

Entretanto, muitos dos nossos reis costumavam divertir-se pelo Entrudo, e alguns d'elles chegavam a mascarar-se nas festas do paço. Os bôbos de côrte, conseguindo deformidades grotescas á custa de uma caracterisação paciente, d'uma mascarada constante, perpetuavam junto da realeza ociosa um verdadeiro Carnaval de todos os dias. D. Sancho I tinha dois bôbos, Bonamys e Acompaniado, contractados para fazerem «arremedilhos» ou mascaradas diante do rei. Affonso III, sybarita e galantissimo, trouxera de França novos usos e novos costumes, entre elles o de se mascarar nos serões de Coimbra. A sua côrte trasbordava de bôbos, uns francezes, outros hespanhoes, cujos nomes chegaram até nós: Picandon, Lorenee, Diego Peselho. O proprio *Cancioneiro da Vaticana*, cuja leitura faria corar um granadeiro, está cheio de «pulhas» de Entrudo. Mais tarde, D. Pedro I, tresloucado e folião, sáe de noite do paço para dançar com o povo, ao som de trombetas de prata. Já na Renascença é um filho de D. Duarte, D. Fernando, que se mascara de selvagem para um torneio em honra da irmã, a futura imperatriz da Allemanha, D. Leonor. Ruy de Pina descreve-o, «vestido de guedelhas de seda fina como selvage, em cima de um bom cavallo envystado e cuberto de figuras e côres.» A influencia do Carnaval de Italia, brilhante e culto, começava já a sentir-se. Em França, Luiz XI, o mais avarento dos monarchas, reclamava «*au bailli du palais 20 sols tournois pour trois coches de mascarades*». Entre nós, D. João II, discipulo fiel de Luiz XI, apparecia no paço d'Evora, por occasião das festas do casamento do filho, ricamente mascarado de «cavalleiro do Cysne». Não era ainda Arlequim, não era ainda Polichinello que dictava a moda: eram os romances do cyclo bretão. Os portuguezes, em plena Renascença, mascaravam-se de heroes da Tavola-Redonda. Mais

MARQUEZ DE PENAFIEL.
Baile «costumé» da Ajuda

CONDE DE SABUGAL.
D. Luiz d'Assis Mascarenhas, pae do conde d'Obidos, recentemente fallecido
Baile «costumé» da Ajuda

D. JOAQUIM DE MELLO
(ESCOCEZ)
pae da actual condessa da Foz.
Baile «costumé» da Ajuda

JOSÉ EMYGDIO CABRAL
ADDIDO Á LEGAÇÃO DE PARIS
(para um baile nas Tulherias dado pela imperatriz Eugenia)

adiante, trasbordando de riqueza, D. Manuel punha o Carnaval ao serviço da politica: a embaixada a Roma, com os seus elephantes cobertos de téla d'oiro, não passou d'uma estupenda, d'uma sumptuosa mascarada. Depois, a Inquisição iniciou o Terror. A côrte, em vez de dançar nos serões do paço, descia de noite á capella, accendia as luzes e ouvia as praticas tenebrosas de S. Francisco de Borja. Toda a alegria que resalta da collecção poetica de Garcia de Resende emmudeceu. Principiou então, a caminho das fogueiras, entre alas immensas de capuzes negros, a mascarada lugubre das mitras, dos sambenitos e das carochas. O povo, timido, esmagado, bestificado, devoto, batia nos peitos e resava. O Carnaval acabára. Já não se viam danças pelas ruas. O velho *Rei David* das procissões guardára temporariamente a sua corôa doirada e a sua barba de estopa. Quando mais tarde D. Sebastião, loiro e virgem, publicou o alvará que prohibia o uso de mascaras, já o Entrudo estava morto e bem morto.

O CARNAVAL DA RENASCENÇA — DE ARLEQUIM A PINA MANIQUE

A resurreição só se operou mais tarde. Foi uma resurreição galante e sumptuosa. Até então, o Carnaval revestira apenas o caracter d'uma buffoneria enorme, violenta, tumultuaria, mas sem arte, sem intenção e sem finura. A Italia, a pagã e voluptuosa Italia do seculo XVI, Florença, Veneza, Roma, tinham acabado de o transfigurar. Passou a ser, cada Carnaval italiano, a obra prima ephemera d'uma multidão de poetas e de pintores. O quadro delicioso de Tiepolo dá a impressão do recanto d'uma praça de Veneza durante o Entrudo. Mascarados atravessavam em gondolas illuminadas, vestidos de brocado d'oiro, com dois dedos de velludo na face. Sobre carros triumphaes, nas praças de Florença, surgiam quadros vivos de scenas mythologicas, d'uma nudez exuberante, Venus e Baccho, Páris e Helena. Com o seculo XVII, Veneza deu-nos Pierrot e Colombina, Arlequim e Polichinello. A França dos Valois imitou a Italia. Henrique III corria as ruas, mascarado de Pantalon veneziano. A propria Roma cardinalicia fez do Carnaval um triumpho. O delirio do Riso correu como uma labareda a Europa inteira.

Nós, portuguezes, não podiamos ter-nos furtado a este movimento universal. Tres rainhas, Maria Francisca de Saboya, Sophia de Neubourg e Marianna d'Austria, implantaram e radicaram na côrte dos nossos reis os grandes bailes mascarados. Arlequim pendurou nos cabides do paço a sua capa multicor. Polichinello applicou na face dos nossos proprios monarchas o seu immenso nariz de papelão vermelho. D. Pedro II dançou mascarado muitas vezes. D. João V, diz o bispo do Grão-Pará nas suas *Memorias*, mascarava-se de frade e de mendigo, para ir vêr de perto, na missa, as damas da rainha. D. José, em pessoa, mais tarde, tomava parte nas aventuras e nas tropelias dos capotes brancos.

SR.ª CONDESSA DE ARNOSO

(Cliché da Casa Bobone)

Pelas ruas, o enthusiasmo renascera. A *dança das Espadas*, a *dança dos Machatins* romperam de novo as suas musicas barbaras. Atiravam se laranjadas e tanhos, jogavam-se panellas, corações d'agua de cheiro, molhava-se com os «esguichos». Os baetas de casaca de briche e chapeu de dois bicos; os faceiras pintados de côr de rosa e mosqueados de signaes, com o espadim doirado entre as côxas e as luvas de manopla muito espetadas; os ginjas desembargatorios de cabelleira de rabicho e bastão de punho d'oiro: toda a sociedade ridicula, polvilhada, meudinha do meado do seculo XVIII, via uma bruxa com as seringas, com os pós de gomma, com as laranjinhas de cheiro, com os ovos de gemma, com as chufas dos garotos, com as vaias da malta baixa. As «franças» de 1770, as «sécias» do fim do seculo, ensinavam os papagaios a dizer a palavra de Cambronne, com a mais insolente graciosidade d'este mundo, dançavam o minuete aos serões, comiam filhós a rebentar e esborrachavam ovos sobre o tricorne dos peraltas. Figuras em camisa percorriam as ruas. Nas grandes casas fidalgas devoravam-se enormes leitões assados servidos em monumentaes bandejas de prata, sentavam-se á meza os frades pedintes, jogavam-se «pulhas», dizia-se adeus á carne, e preparava-se o ventre para o jejum.

A rainha estava doida, Thessalonica era o verdadeiro rei; Sancho Pança, o seu leigo, philosophava ácêrca dos destinos de Portugal. Pina Manique, cão de guarda das instituições, agarrado ao *Codigo da Policia de Luiz XIV* e ao *Tratado de Policia* de Willebrand, zela a moralidade, inventa as *môscas*, inicia as luminarias para distrahir o povo, prende o livreiro José Dubie por vender Rousseau, fulmina a Encyclopédia e volta a prohibir as mascaras como perigosas. Entretanto, em França, a revolução rebenta. Constitue-se a Assembléa Nacional, supprimem-se as garantias, é inaugurada a Convenção, proclamada a Republica, abolida a realeza. Pina Manique é acommettido d'um verdadeiro delirio jacobino de perseguições. Prohibe o jogo da Bola, prohibe que se ande de luvas, prohibe as caixas de rapé, prohibe o *Gil Braz de Santilhana*, prohibe as cabelleiras de certo feitio, prohibe o decote ás mulheres, prohibe que se converse nos cafés, enche Lisboa de esbirros, de môscas, e — honra lhe seja — de luzes. Evidentemente, n'este regimen de prohibições, acabou por ser prohibido o Carnaval. Apenas Bocage, curvado, rachitico, de sapatos rôtos e capote de baetão azul, dizia insolencias e «pregava peças» á porta do *Grego* e do *Nicola*. Entretanto, fixava-se o typo admiravel do *Chéché*, que depois atravessaria um seculo, com o seu bicorne, a sua casaca de seda, o seu sapato de fivella, o seu chavelho, a sua luneta, a sua faca e o seu

MINUETTE DANÇADO NO PORTO, EM CASA DA SR.ª D. CAMILLA DE FARIA EM 15 DE FEVEREIRO DE 1901

bastão. Satyra pungente ao antigo regimen, surgindo abruptamente entre as casacas de briche do *vintismo*, a figura immensa do *Salsa* ainda entrou no nosso seculo, viva, pittoresca, solemne, sob o seu rabicho empoado e o seu nariz de papelão vermelho. Foi, com o minuete, as caixas de rapé e o salto Luiz XV, tudo quanto nos ficou do seculo XVIII. Era uma creação, era um typo, era quasi um desafio. Mas emquanto esta figura suprema se fixava, o Intendente continuava a prohibir tudo. As modas francezas da Revolução, do Directorio, do Consulado, leves, transparentes, com a innovação diabolica das pantalonas côr de carne, os seios a descoberto, os anneis nos dedos dos pés á Tallien, á Beauharnais, os leques provocadores, as musselinas indiscretas, foram finalmente importados para Lisboa. Pina Manique, em S. Carlos, vê se obrigado a fazer saír d'um camarote a condessa da Ega, indecentemente decotada, e a pôr fóra d'uma frisa a amante do maestro Marcos Portugal, que surgira em *maillot* côr de rosa.

Foi preciso que o Intendente morresse para se pensar em dar em S. Carlos o primeiro baile de mascaras. Em 1809 uma companhia de cantores e bailarinos pediu licença para iniciar no nosso theatro d'opera os bailes publicos de mascarados, — mas o novo Intendente respondeu pela negativa, como teria respondido o seu antecessor. O perigo vermelho do jacobinismo invadia tudo. O proprio Junot, que déra um magnifico baile *masqué* no palacio do Quintella, não julgou prudente deferir o pedido dos dançarinos italianos. Afinal, só no theatro do Bairro Alto, em 1823, se veiu a realisar o primeiro baile de mascaras publico em Lisboa. Acabou tudo em pancada, como era do estylo, e esteve por um triz a haver um incendio. O máu exito da tentativa só permittiu que em 1836 se realisasse o primeiro baile em S. Carlos. E, entretanto, a *Opera* de Paris tinha-os desde a Regencia!

O CONDE DE MESQUITELLA, DUQUE DE ALBUQUERQUE
de Affonso de Albuquerque no baile «masqué» da Ajuda

JOSÉ EMYGDIO CABRAL
Secretario da Legação de Portugal em Madrid costume de Ospoder de Valachia, para o baile «masqué» da Ajuda

O CARNAVAL DO CACETE E O CARNAVAL ROMANTICO — DE D. MIGUEL ÁS LARANGEIRAS — OS BAILES «COSTUMÉS» D'AJUDA E O BAILE PALMELLA

Surgiu então o Carnaval romantico. D. Miguel, de niza verde, vara debaixo da perna, passáva n'um furacão, rebentando cavallos, seguido do Sedvém, do Paiva Raposo, do Tarrabuzo, do Cambaças, — toureiros e facinoras, ladrões e picadores da Casa Real. Antes e depois da passagem por Paris e por Vienna d'Austria, das aventuras de Roma e da convivencia com Maetternich, o Carnaval do tempo de D. Miguel fóra um Carnaval de cacete. Quando sua alteza queria divertir-se largava touros ás saloias de Queluz ou mettia-os nos corredores do paço da Bemposta. Os «burros» e os «corcundas» aproveitavam o Entrudo para toda a especie de represalias e de selvagerias. Matava-se gente, — por chalaça. No Ramalhão e em Queluz, a licença alastrava. Os bailes de mascaras na sala do Lanternim e os espectaculos do theatro improvisado por D. Miguel davam logar a toda a especie de escandalos. A rainha, com seu turbante de plumas feito na m.^{me} Barnay e os seus uberes creadores de vacca hespanhola, entretinha se com o Santos almoxarife; o novo Intendente da Policia, Barbosa de Magalhães, fazia-se fino com a infanta D. Maria d'Assumpção. Entretanto o cacete trabalhava nas ruas, anavalhava-se ás esquinas, a quadrilha do Sacavem roubava pelo Bairro Alto, e o pobre Deus Mômo coberto com o bicorne dos Saisas ou com o lenço de cambraia das alcoviteiras, era apenas um pretexto sanguinolento para exhibir o odio politico dos «apostolicos».

Não admira pois que ao surgir o Carnaval romantico, a transição fosse brusca e inesperada. Nada mais differente da brutalidade do Entrudo miguelista, do que esse Carnaval que surgia, ao mesmo tempo combativo e sentimental, mysterioso e tumultuario, fazendo quartel general no Marrare do Polimento, lendo Chateaubriand e vestindo d'organdi côr de rosa, cheio de finura e de respeito, de enthusiasmo e de coração. É o Carnaval da *jeunesse-dorée*, o Carnaval da «seita do marrarismo», que vê surgir o espirito com o divino Garrett e a audacia galante com o marquez de Niza, que inicia os *bals-de-têtes* nas Larangeiras e institue as pateadas em S. Carlos. O cacete dos «corcundas» cede o passo á badine ligeira da «fleur des pois». Ás cavallarias barbaras de D. Miguel succede a bravura graciosa do Vimioso. As grandes casas fidalgas abrem os seus salões. Como no meado do seculo XVIII, sob a influencia de Veneza e de Paris, o Carnaval passa a ser uma festa d'Arte.

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR
D. JOÃO DE VASCONCELLOS E SOUZA
Baile «masqué» da Ajuda

Em 1840, o grande *bal masqué* dos marquezes de Vianna bate o *record* dos bailes fidalgos. Apparecem mascaras de sensação. As duas filhas do conde de Farrobo vestem cabaias recamadas d'oiro vindas directamente da China. Doze homens e senhoras, entre as quaes a marqueza de Lavradio e a linda condessa da Lapa, compõem as doze figuras das cartas hamburguezas. A marqueza de Vianna, com o seu queixinho de rabeca e a sua mania dos relogios, surge n'um sumptuoso decote á Du Barry, semeado de perolas. As modistas celebres, a Levaillant, a Aline, trabalham noite e dia, fazendo prodigios de musselina, de pekin, de *camaïeux d'été*, de *gros* de Napoles, de tafetá d'Italia. O Baron cabelleireiro tem noites de fazer cincoenta cabeças. Succedem-se as *sauteries*, em plena Arte. O marquez de Niza toca violino: o Farrobo ensaia trompa com o Vivier; o conde de Sabugal é um espirituoso da escola de Chamfort; as O'Neill, as Fronteiras, as Mesquitellas cantam como deusas; Maria Kruz é uma actriz consummada. Emquanto á noite, nos salões das Larangeiras, do Rato e

SR.ª CONDESSA DA FOZ

(Cliché da Casa Bobone)

da rua Formosa, Arlequim polka com Colombina,—de dia, em pleno Chiado, travam-se as mais violentas e tempestuosas batalhas. A mocidade dourada, á frente da qual estão o visconde da Asseca (Salvador), o Antonio Camara, depois conde de Carvalhal, a quem chamavam o *Trinta Diabos*, o D. João de Menezes, o João d'Aboim, o D. Luiz da Camara Leme, invade pelas janellas a casa d'uma bailarina de S. Carlos. Combate-se intrepidamente a pós de gomma. O Carnaval parisiense de Gavarni marca a sua influencia decisiva sobre as ruas de Lisboa. O povo aprende a mascarar-se, os guardas-roupas desenvolvem-se, e depois do *Chéché* do antigo regimen, depois da velha de jozésinho encarnado, depois da classica machulona em fralda de camisa e abano, a figura eterna do *Zé-Povinho* surge do lapis luminoso de Raphael Bordallo. A caricatura politica passa a ser uma nova forma do Entrudo contemporaneo. Fontes é omnipotente. A *crinoline* é a suprema elegancia. Os bailes de S. Carlos aristocratisam-se, enchem-se de dominós, de *Pierrettes*, sob cuja luva irreprehensivelmente bran-

MINUETTE EM CASA DA SR.ª CONDESSA DE PENALVA D'ALVA

(Cliché da Casa Bobone)

Sr.ª D. Luiza Almeidina, D. Francisco d'Almeida, sr.ª D. Eugenia Penalva (condessa de Penha Garcia), sr. José Penalva (conde de Penalva d'Alva), sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida, sr. Antonio Carvalho, sr.ª D. Beatriz Anjos, D. José de Mendoça (Azambuja)

D. MARIA IGNACIA DE SOUSA BOTELHO (VILLA REAL)

SR.ª DUQUEZA DE PALMELLA

Actual camareira mór de S. M. a Rainha

D. MARGARIDA DE MASCARENHAS

Casada com o 1.º ajudante de campo d'El Rei D. Luiz, o general D. Luiz de Mascarenhas

D. MARIA IGNACIA DE SOUSA BOTELHO DE BREDERODE

BAILE «COSTUMÉ» DA AJUDA

ca, se adivinham anneis armoriados. A *salão dos carnavaes* transforma o Entrudo dos ociosos n'uma instituição de Caridade. A propria realeza surge *costumée*. A Rainha D. Maria Pia mascara se de *Varina*, para os bailes dos duques de Palmella. El-Rei D. Luiz, de *Hamlet*. Um grupo de rapazes fidalgos funda o *Club dos Salsas*. O duque d'Albuquerque que apparece n'um baile da Ajuda mascarado d'Affonso de Albuquerque, levando no gorro de velludo, sob o firmal de diamantes, uma pluma authentica do grande Vice-Rei.

O CARNAVAL CONTEMPORANEO

Entretanto, a dissolução principia. A sociedade moderna, egoista, formalista, com o supremo instincto das conveniencias e da commodidade, começa a olhar o velho Carnaval das ruas como uma selvageria anachronica e de máu gosto. O pobre Deus Momo desagrada evidentemente ao conselheiro Accacio. Os editaes succedem-se, prohibindo os pós de gomma, prohibindo os ovos de gemma, prohibindo as bisnagas, prohibindo os tremoços. O chapéu alto burguez consegue passar incolume. Accentua-se a intransigencia dos governadores civis. Com o sr. Pereira e Cunha renasce a luneta d'oiro do Pina Manique. Regulamenta-se o Carnaval, — isto é, faz-se o absurdo de regulamentar o Riso. Os *confetti* e as serpentinas substituem os pós. Arlequim cáe bebado nas ruas. A semsaboria innunda Lisboa.

Algumas familias da nossa aristocracia culta abrem então os seus salões. Tenta se uma revivescencia da velha Folia multicor. Quer-se resurgir o Entrudo, — e apenas se consegue um Carnaval galante, um Carnaval d'artistas, um Carnaval de punhos de renda, um Carnaval *signé* Villette, Boucher, Greuse, Watteau. Já não é o espontaneo, o exuberante, o colorido torneio da Troça: é uma pagina d'Arte, fresca, animada, discretamente espirituosa, d'uma sumptuosidade ephemera e elegante. Ficou celebre o baile de *Pierrots* e *Pierrettes* em casa da sr.ª condessa de Valbom, a que assistiu o grande de Hespanha, hoje primeiro actor, Fernando Diaz de Mendonça. Marcou egualmente nos annaes do Entrudo moderno o *minuete* graciosissimo puro seculo XVIII, dançado no Porto em casa da sr.ª D. Camilla Faria. Os bailes *masqués* infantis dos Azambujas, dos Castello-Melhor, infinitamente pittorescos, com os seus Henri III, os seus Francisco I, os seus d'Artagnan, os seus D. Quichote, os seus Luiz XIV, os seus Bonaparte, pequeninos, davam a impressão de se estar vendo desfilar a Historia, — por um binoculo ás avéssas. A Arte offerece decididamente o braço a Polichinello. Institue-se o *diner-de-têtes*. Os *pôdres*, dirigidos pelo jornalista diplomata Henrique de Vasconcellos, tentam inutilmente renascer a *pourriture* de Garrett, do SottoMayor, de Henrique James. Faz sensação o baile de *Pierrots* e *Pierrettes* em casa da sr.ª condessa d'Almedina, — um singular e fidalgo espirito d'artista. Edgar Plantier, de *Pierrot-Watteau*, é incomparavel de *verve* e de desenvoltura.

SR.ª CONDESSA DE SABUGOSA

(Cliché da Casa Bobone)

Mas, apezar d'estes esforços isolados, apezar da installação de commissões para dirigir os festejos, para

D. MARIANNA D'ASSIS MASCARENHAS
(SABUGAL)

D. MARIA THEREZA D'ASSIS MASCARENHAS
(SABUGAL)
Dama camarista de S. M. a Rainha D. Maria Pia, que educou o actual rei e o sr. infante D. Affonso. Morta em Roma, aonde acompanhou a Rainha por occasião do fallecimento do rei Victor Manuel.

DUQUEZA DA TERCEIRA

COSTUMES PARA UM BAILE «COSTUMÉ» DA AJUDA

ornamentar as montras, para resurgir a tradicional Folia das ruas, o Carnaval vae degenerando progressivamente na semsaboria e na immobilisação. A dissolução de personalidade e o medo do ridiculo, que caracterisam a sociedade moderna, deram-lhe *le coup de grace*. As ultimas batalhas de flôres tiveram o ar solemne d'um enterro. O Carnaval passou a ser um pretexto para a mendicidade. Morto Raphael Bordallo, pouco ha a esperar da espontaneidade e da iniciativa dos nossos artistas. O povo é uma massa amorpha, obscura, apagada e triste. Não reage perante a gargalhada, como não reage perante a politica. *«Pour bien jouer le Carnaval il faut avoir le diable au corps»*,—disse Voltaire. Ora o que ha de liquidar definitivamente o Entrudo entre nós, não é apenas a nossa invencivel semsaboria: é tambem a nossa detestavel gravidade. Não é Sancho Pança que tem a honra de enterrar Arlequim: é o conselheiro Accacio, é Mr. Prudhomme, é... somos todos nós!

S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA
De hespanhola
(Cliché da casa Bobone)

COMO SE FAZ UMA CABELLEIRA

A preparação do cabello — *Collocação das fitas e franjar*

Nada mais complicado do que uma cabelleira postiça. E no emtanto não parece. Tem até uma certa simplicidade com o seu ar de couro cabelludo arrancado d'uma cabeça para se collocar n'outra. Mas tambem o cabelleireiro, d'este genero, se não tem hoje as grandes compensações do seu cargo, já as teve. O mister foi nobre; n'outro tempo o cabelleireiro usava espada, isto quando elle confeccionava essas enormes cabelleiras que iam assentar nas cabeças mais nobres e servir de almofada ás mais brilhantes corôas do mundo. Imagine-se o que seria o cabelleireiro de Luiz XIV, um homem encarregado de fazer com finos cabellos o supporte do diadema d'um rei que dizia ser o Estado. Todo o Estado com o seus magistrados e com os exercitos, com os seus sacerdotes e com os seus fidalgos!... Ah! o cabelleireiro foi verdadeiramente grande e regiamente compensado. No Egypto cobriu a cabeça de Ramsés e de Sesostris com as suas cabelleiras feitas da guedelha do povo, que a vendia, e punha na sua cabeça — o que são os destinos — cabelleiras de lã, de pello de carneiro! Na Grecia manufacturou as cabelleiras de todos os grandes; em Roma fez com cabellos gaulezes

Coser as fitas e collocar as telas

Ferrando mollas e formando cascos para extra — *Cosendo as franjas nos cascos*

Implantação

Collocando elasticos

as imperiaes perucas e quem sabe se algum d'elles não comprou a Dalila os fartos cabellos do valente Samsão!

Mas depois a arte decahiu; a revolução franceza mandou cortar os cabellos á Titus; só algum teimoso ficou com a peruca mas sem a cabeça, porque a guilhotina tinha singulares formas d'arrancar cabelleiras. E no cabo d'alguns annos, o cabelleireiro faria bancarrota sem o theatro, onde o empregam, e sem um ou outro calvo que o não quer parecer.

E para essa ingrata tarefa de disfarçar um actor ou de corrigir uma cabeça pellada, tem elle um trabalho louco!

As cabelleiras fazem-se, não só de cabellos humanos mas tambem de diversos pellos, como os de cabra, os de cavallo e até. . .os de burro. Ha gente que anda pelas ruas, e sobretudo nos campos, comprando cabellos, e, no meio d'isto, dramas de mizeria de mulheres que os vendem, como a Fantine dos *Miseraveis* arrancava os dentes para os vender diante da fome da filhinha. Os cabellos soffrem então diversas preparações e são pagos segundo a sua proveniencia; os suecos custam mais caros, porque são d'uma grande finura e d'uma côr muito bella. Apartam-se, pois, os cabellos segundo as côres, fazem-se mechas, são lavados e passados em farinha e de seguida cardados, ficando todos do mesmo comprimento e só então se começa a fazer a cabelleira, o que consta d'uma grande quantidade d'operações segundo a epoca que se quer representar. Saem desde logo das suas mãos as feias cabelleiras gaulezas, eguaes a guedelhas, e as merovingias fartas e desgrenhadas; vem a transformação do penteado desde a ignobil grenha dos primeiros tempos.

Dando a côr

O cabelleireiro faz com arte esse disfarce e é tão discreto — oh! sublime qualidade! — quanto é falador o seu confrade tambem celebre: o barbeiro, o Figaro, cem vezes mais banal que o artista outr'ora divino, o que fazia das cabeças edificios de soberana architectura e que sabendo tantos segredos jámais os reveiou. Se elle fosse como Figaro — um linguareiro — quem sabe o que diria hoje a posteridade da linda cabelleira da Pompadour e das famosas tranças da Venus centenaria que foi Ninon...

Acabando a confecção

Penteando

CINCOENTA ANNOS DE LITTERATURA

THEOPHILO BRAGA EM 1880 — THEOPHILO BRAGA EM 1893 — THEOPHILO BRAGA EM 1872

A «Illustração Portugueza», entrevista Theophilo Braga

A *Illustração Portugueza* abre n'este seu numero de Carnaval um parenthesis para prestar a sua homenagem a Theophilo Braga, a mais alta intellectualidade do paiz, commemorando assim o anniversario do illustre escriptor, que completou 63 annos em 24 de fevereiro.

Theophilo mora á Estrella, n'uma travessa estreita e pobre—a de Santa Gertrudes—onde os predios teem fachadas tristes e os moradores são silenciosos. A' entrada, o Juizo d'Instrucção Criminal é como uma atalaya com as suas janellas de guilhotina, com o seu ar de palacete, pintado de vermelho e com a tradição dos Cabraes; lá para o meio da ruella, atravez as vidraças, entrevêem-se vagas figuras de mulheres, curvadas, a costurar, n'uma réstea de sol, e, ao fim, mesmo á esquina, está a exigua casinha do escriptor, toda forrada de azulejo pallido.

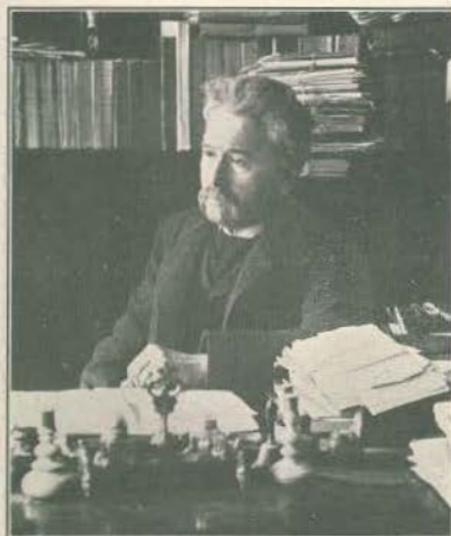
Nunca tinha entrado na morada de Theophilo e conhecia-o de o vêr atravessar as ruas com o seu fatinho modesto, o andar como hesitante, n'uma despreoccupação da sua pessoa, parecendo caminhar preso d'um sonho, a modo sobresaltado quando o cumprimentam; mas conhecia-lhe os esforços que já entraram na lenda, a vida de tormentos e de estoicismo que já anda de bôcca em bôcca com respeitos; e da sua obra vasta, feita com a persistencia d'um monge bento no seu casulo de sapiencia, conhecia a erudição esmagadora da *Historia da Litteratura Portugueza* e a evocação cheia de ardor do *Viriato*, a philosophia espantosa da sua *Visão dos Tempos*, os poeticos e trabalhosos quadros do *S. Frei G...* os estudos pacientes e aturados sobre Gil Vicente e Sá d... Miranda, sobre Bernardim e Bocage, aprendera com e... thusiasmo factos da sua mocidade de luctador e de for... e ouvira as suas conferencias e as suas lições cheias d... rigidez d'um culto e da sciencia vasta d'uma vida tod... de honrado trabalho.

Por isso quando batia á sua porta e mal tinha temp... de dizer o meu nome á creadita de sorriso infantil—uma criança acanhada e d'avental branco—e o escripto... me appareceu, eu fiquei turbado e cheio de pasmo a... vêl-o no patamar com a sua mão estendida para a m... nha e com o seu melhor sorriso a cumprimentar-m... com o seu ar nobre e, ao mesmo tempo, simples de ve... lhinho e com as suas phrases de bom acolho a mandar... me entrar para o gabinete, mettido na penumbra, d... cortinas corridas, cheio de papeis e de livros que ma... tive tempo de vêr na minha anciedade de não parece... perturbado.

Mas Theophilo mandava-me sentar, indicava-me um... cadeira das quatro do gabinete, onde cousa alguma s... alterou desde ha trinta annos, e punha-me á vontade... repuxava para os joelhos uma manta de viagem e ficava... a escutar as minhas primeiras palavras de respeito co... o seu risinho aberto, a passar uma das mãos sobre... outra, os olhos vivos a fixarem-me, a dizer-me uma... boas e immerecidas palavras d'acolho com o seu vag... sotaque de ilhéu que atravessou o mar para ensinar... aos continentaes as grandezas do seu passado.

Queria ouvir d'elle trechos da sua vida e as suas re...

Serie chronologica das obras de Theophilo Braga

1859 — Folhas Verdes. Em Ponta Delgada.
1862 — No Instituto de Coimbra. (Collaboração).
1863 — Stella Matutina. Porto.
1864 — Visão dos Tempos. Porto.
» — Tempestades Sonoras. Porto.
1865 — Poesia do Direito. Porto.
» — Contos Phantasticos. Lisboa.
» — Theocracias Litterarias. Lisboa.
1866 — Ondina do Lago. Porto.
1867 — Historia da Poesia Popular Portugueza. Porto.
» — Cancioneiro Popular. Coimbra.
» — Romanceiro Geral. Coimbra.
» — Graz, Romance de João Vaz. Coimbra.
1868 — Historia do Direito Portuguez. Coimbra.
» — Obra Prima de Chateaubriand. Coimbra.
» — Caracteristicas dos Actos Commerciaes. Porto.
» — Revista Critica da Litteratura Moderna. Porto
» — Theses Escolhidas do Direito. Coimbra.
» — Torrentes. Porto.
» — Contos Populares do Archipelago Açoriano. Porto.
» — Floresta de Varios Romances. Porto.
» — Historia da Poesia Moderna em Portugal. Porto.
» — Obras Primas de Balzac. Porto.
» — Visão dos Tempos (2.ª edição). Porto.
» — Folhas Verdes (2.ª edição). Porto.
» — Excavações Bibliographicas. Porto.
1870 — Historia da Litteratura Portugueza—Introducção. Porto
» — Historia do Theatro Portuguez. (vol. I e II.) Porto.
» — Estudos da Edade Media. Porto.

THEOPHILO BRAGA NO SEU GABINETE DE TRABALHO

cordações queridas, bocados da sua observação dos homens e a narração dos seus tormentos na lucta; desejava trazer commigo, como uma fortificadora e sã doutrina para vir dizer aos seus contemporaneos, o que elle pensa sobre algumas coisas da nossa vida social e o que elle soffreu para apprender essa maneira de julgar.

E foi assim que me contou — sempre com o mesmo sorriso e com o mesmo ar singelo — a sua estreia litteraria e as suas mizerias, a sua conquista da gloria e as suas esperanças. Ouviu o que eu desejava da sua sabedoria e da sua experiencia, arranjou, com cautela, o papel onde eu devia tomar apontamentos, pediu para me sentar á secretaria, visto não haver outro logar onde pudesse escrever e, como se aquelle logar fosse o mais humilde, abandonou-m'o, despreoccupadamente, como um eremitão santo a ceder o seu logar venerando a um vulgar romeiro que chega ao seu retiro no cumprimento d'um voto.

Falei-lhe então da sua mocidade, da sua passagem por Coimbra, dos seus livros, desejei saber qual fôra o seu primeiro trabalho e, elle, como se deixasse cair dos labios uma cousa vulgar, disse-me, com simplicidade e vagares:

— Tinha 15 annos, estava em S. Miguel, na minha ilha, e escrevi as *Folhas Verdes*, como se escrevia em 1858. A poesia era, então, um lyrismo martellado e cheio de cunhas, feito para cantar futilidades, arranjado em redondilha, de que eram então os deuses João de Lemos e Palmeirim .. O meu livro foi baseado, pois, n'esse romantismo caido e n'essas banalidades ditas com bonitas palavras... Mas tinha 15 annos, nunca saira da minha ilha e sonhava... De resto fiquei sempre mais ou menos sonhador...

Accrescentou então que o sonho era, para certos temperamentos, uma força; não deixava vêr as mizerias da vida.

Depois, sorrindo e aconchegando a sua manta, disse-me que, passados tres annos, viera para Coimbra. Dominava então Victor Hugo e Vigny; e isso fez-lhe vêr que a poesia não era só uma cousa pessoal para cantar dôres e cabellos loiros, mas que ia mais além, que chegava até á philosophia.. Anthero deu a essa poesia nova a revolta, João de Deus deu-lhe o sentimento renovador e nacional... Foram seus contemporaneos os advogados celebres e os professores sabios dos ultimos tempos, os jurisconsultos e os poetas que soffreram, como elle, o boçalismo dos compendios e as idéas archaicas dos lentes. Viveu, ao começo, saudoso e indignado, sem frequentar a turba desvairada d'estudantes que fazia troças e patuscadas, alheio da vida universitaria no seu pittoresco, reduzido ao seu canto porque não acceitava o menor subsidio da familia, mettido na ignorada mizeria mas tambem no seu sonho. A sua geração era nihilista e irreverente, collocava a Incredulidade n'um altar, deixava crescer os cabellos e clamava contra tudo, chasqueava da patria na qual elle via, diante da tradição, uma existencia futura, uma independencia, uma vida propria. Foi assim, do seu isolamento e da sua pobreza, que nasceu a *Visão dos Tempos*.

❁

Foi extranho ás sociedades revolucionarias transformadas em maçonarias como a do *Raio*, lavou por vezes a sua roupa e remendou-a, fazia prodigios de trabalho para ganhar a vida e estudar, lia Hegel e Littré e habilitava rapazes em oito e quinze dias para os exames de logica e rhetorica; observava na Universidade duas correntes — que diz ainda hoje latentes — a do lente retrahido no compendio, fechado ás grandes idéas, e a do estudante, abrindo-se para todos os grandes movimentos. Coimbra era, então, bem um burgo de escolares; não havia ainda caminho de ferro, e elle, dando-se com pouca gente, mettido no seu trabalho persistente, tenaz, a custo ganhava alguns vintens por dia com que se alimentava. Soffria do seu isolamento, enfraquecia e andava nostalgico, descoroçoava, sentia-se pequeno; mas, um dia, lendo que Spinoza — o grande philosopho — mal ganhava quatro vintens a lapidar vidros, encorajou-se e exclamou delirante e ousadamente:

— Então que tenho eu de me queixar?!.. Não passo d'um rapazola! ..

Porém os outros rapazolas, os seus condiscipulos, andavam tunanteando fóra de horas, de guedelhas ao vento e batinas enodoadas, faziam algazarras, combinavam partidas, preparavam troças, enchiam-se de vinho, gosavam a vida, emquanto elle, no seu buraco, leccionava, fazia dissertações e estudava. Tinha a existencia d'um estoico que sempre foi.

E, alegremente, a repassar as mãos uma sobre outra, n'um gesto habitual, Theophilo, cheio de contentamento, exclamou:

— Mas na minha geração não houve politicos! Nem um! Nem um!...

❁

Por este tempo, Castilho e outros de menos vulto tinham-se lançado sobre elle, e Theophilo, na sua casita pobre, soffria-lhes os rancores. Tiraram-lhe a collaboração do *Jornal do Commercio*. Havia dias em que não tomava cousa alguma quente, em que roia um pedaço de pão, escutando as gargalhadas dos bandos alegres que passavam á sua porta. Tudo isto o espicaçava, o fo-

1870 — Espirito do Direito Civil Moderno. Porto.
1871 — Historia do Theatro Portuguez. (vol. III e IV. Porto.
» — Epopêas da Raça Mosarabe. Porto.
» — Trovadores Gallaico-Portuguezes. Porto.
» — Poetas Palacianos. Porto.
» — Historia dos Quinhentistas. Porto.
1871 — Obras de Christovam Falcão. Porto.
1872 — Bernardim Ribeiro e os Bucolistas. Porto.
» — Theoria da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Os Lusiadas (Edição popular.) Porto.
» — Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Bibliographia Critica. (Collaboração.) Porto.
1873 — Historia de Camões (Parte I.) Porto.
» — Sobre a Litteratura Portugueza, ou Thesouro da Lingua Portugueza.

1873 — Chronica da Fundação do Mosteiro de S. Vicente. Porto.
» — Sobre a Origem Portugueza de Amadis de Gaula. (Italia
» — Formação de Amadis de Gaula. Porto.
» — Obras de Luiz de Camões, (vol. I.) Porto.
1874 — Historia de Camões, (Parte II.) Porto.
» — Obras completas de Camões (vol. II a VII.) Porto.
1875 — Manual da Historia da Litteratura Portugueza. Porto
» — Obras completas de Bocage. Porto.
» — Philosophia Positiva, (Collaboração.) Porto.
1876 — Anthologia Portugueza. Porto.
» — Obras completas de Bocage. (vol. VII.) Porto.
» — Grammatica Portugueza Elementar. Porto.
1877 — Bocage, sua Vida e Epoca. Porto.
» — Parnaso Portuguez Moderno. Lisboa.
» — Traços Geraes de Philosophia positiva. Lisboa.

THEOPHILO BRAGA NA AULA DO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS COM OS SEUS ALUMNOS SRS.

Da esquerda para a direita: *Reis Machado, Salema Barbosa, Prado Coelho, Annibal Gymbron, D. Bertha Gomes Valente, Medeiros e Camara, Nunes Cardoso, M. Ferreira de Sousa, Costa Cabral, Ferreira Valdez, Fernandes Leitão, Casal Ribeiro.*

THEOPHILO BRAGA NO SEU GABINETE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

ria. Uns, da boa paz dos seus gabinetes, buscavam inutilisal-o, os outros mostravam-lhe, com os seus risos, o que era a mocidade. Então saiu de si; fez-se ousado, respondeu a uns e fugiu mais dos outros, e como um seu condiscipulo lhe contasse que Camillo Castello Branco o alcunhara de talento borracho, devorou a affronta e achou na sua esperança um consolo.

Borracho, elle?!.. Se havia dias em que não comia! Uma vez, no Porto, em casa do Moré livreiro, editor de Camillo e seu, aquelle escriptor estendeu-lhe a mão e elle voltou-lhe as costas.

Theophilo faz uma pausa, olha-me bem, abana a cabeça encanecida e diz, pezaroso:

—Estava ainda moço... Hoje não voltava as costas a ninguem... Todos os homens devem saber perdoar...

Conta de seguida os sabidos ataques de Camillo, collocado ao lado de Castilho; diz que o orgulho ferido do desgraçado e grande romancista o desvairara e, como lhe fizesse umas observações ácêrca da vida agitada, das dôres, das torturas do supremo escriptor, Theophilo declarou:

—Mas não era por elle só... Muita gente o impellia contra mim... Se soubesse...

Diante do meu pasmo ergue-se, vae á gaveta da sua secretaria pobre, em frente da qual eu estava, e procura um masso de papeis, arranca uma carta de Camillo para o editor e mostra-m'a n'um gesto confiado. E vejo então que assim era. Camillo não fizera obra por si; outros, que elle citava com desprezo, o tinham lançado contra Theophilo que, possuindo as provas de tudo isso, se tem calado, quando, com uma só palavra, podia ferir gente que ahi está viva e graduada.

Do resto, Camillo foi justo ao cabo d'algum tempo; teve rasgos que n'esse impulsivo eram caracteristicos. Quando morreram os filhos de Theophilo, escreveu um soneto intitulado a *Maior Dôr humana* e que lhe dedicou. Isto foi em 1887 e, desde então, foram amigos. Morrera uma netinha a Camillo, uma criança dôce, que era o enlevo d'aquelle grande homem, uma linda flôr abrigada á sombra d'aquelle magistral carvalho, cuja ramada dava para entretecer milhares de corôas glorificadoras e, então, irmanado pela dôr com o homem que guerreara, como já se irmanára pelo talento, escreveu esses

versos que são dos melhores entre os dois outros sonetos maximos da lingua portugueza: o que começa *Alma minha gentil que te partiste* e é de Camões, e o que principia *Foi-se pouco a pouco amortecendo*, escripto por João de Deus.

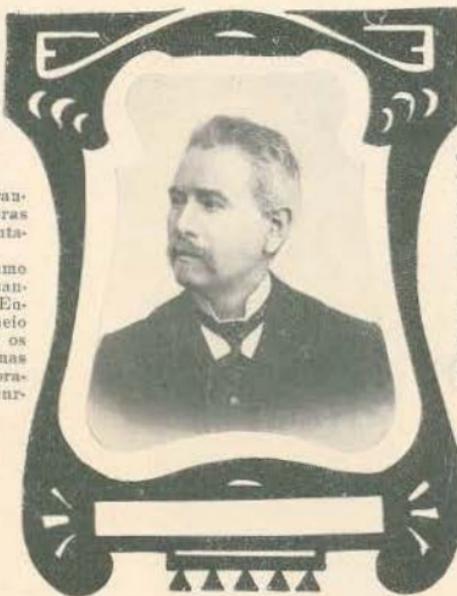
*

Perguntei de seguida ao grande escriptor qual das suas obras preferia e, com um ar desalentado, disse-me a sorrir:

—Nenhuma... Não costumo reler as minhas obras senão quando se fazem novas edições. Então sou um extranho no meio d'ellas, apparecem-me todos os seus defeitos e todas as suas qualidades. Tenho o grande prazer d'emendar. Ah! a vida é curta—diz desalentado—e é pena... Queria viver muito para ter um prazer enorme já gosado, mas ainda não tanto como desejo... Sabe qual é?! o de aperfeiçoar... emendar sempre!...

De resto, nenhuma das suas obras—confessa com alegria—o envergonha. São todas escriptas com sinceridade. Algumas apenas teem feito germinar uma idéa nos outros e elle dá-se por feliz. A *Visão dos Tempos* esteve trinta annos á espera d'um livreiro que quizesse edital-a por completo. Faltava-lhe a philosophia, pois fôra feita aos 21 annos. Mas quando leu Augusto Comte achou o que lhe faltava... Agora vae refazel-a toda diante das suas reflexões, das suas idéas sobre os Mythos da continuidade humana... No emtanto, como lhe falo em preferencias, sempre me quer dizer que n'essa *Visão dos Tempos* ha um poemeto, *A Sombra do Propheta*, que relê nas suas horas de abatimento.. Ah! Esse velho rei Cyro, da poesia, cheio de gosos, cheio de riquezas, com as suas soberbas e com as suas glorias, bastando-lhe um gesto para gosar tudo, bastandolhe sentir um desejo para o satisfazer, não sabe resistir ao sonho que lhe chega n'uma hora de entorpecimento lascivo, emquanto uma captiva israelita do seu gyneceu canta, ao som da cythara, as desgraças da patria d'onde a arrancaram; e então o soberano, no seu vago sonho, vê a sombra do propheta Elias que o manda ser clemente e libertador do Povo escravo. E' o que relê da sua obra; é o que n'ella prefere!... A consciencia d'um rei a acordar!

—E a sua *Historia de Portugal*?

Esse livro é uma paixão, faz parte do seu plano, pois de resto toda a sua obra obedece a elle. Na *Historia*, não é, como muitos, um patriota, nem, como outros, um incredulo. A sua força é a esperança. Quer dar n'esses capitulos bem detalhada a feição do genio portuguez. Não faz uma Historia para Portugal apenas. Faz um capitulo da Historia Universal, em que a nação tem o seu logar, porque o portuguez está destinado a existir sempre. Senão, que visse eu o feitio d'este povo. Nos cataclysmos

O ULTIMO RETRATO DE THEOPHILO BRAGA

não se rende, nas afflicções não perece. O filho do portuguez, fóra de Portugal, augmenta de resistencia...

Todo elle se agita e vibra; gesticula já erguido; transforma-se, parece muito alto n'aquelle gabinete atulhado de papeis, repleto de livros, onde não ha um objecto d'arte nem um movel de luxo, onde não ha um quadro nem uma nota garrida, que lembra uma cella de frade estudioso votado a uma religião de sciencia.

E fala sempre com brilho, agora, sem a sua vaga hesitação, expõe as suas idéas, vae direito a um fim como uma aguia que, quanto mais alteia o vôo, melhor se sente e diz:

—Nós vivemos d'esperanças, d'essas esperanças que são forças, d'esses sonhos que são, bem longe de chimeras, como antevisões. Não é o messianismo que temos nos nossos espiritos: isso não é nada. A religião d'um homem que vale?! Nós temos a religião innata d'uma raça, como uma collectiva certeza de viver que é a Sagrada Esperança dos Liguros, o Eterno Saber Esperar d'esse povo de que somos herdeiros!... E' uma idéa mãe e ella é tudo! E' uma força maxima egual á da terra que tudo contém em si e vae existindo com as proprias qualidades! Eu penso assim... Não quero pensar d'outro modo! Vivo das minhas sensações e da minha vontade, sem querer coisa alguma que parta dos outros, quero gerar as minhas reflexões e existir d'ellas... Quero liberdade até nas emoções... Mas sabe que isto deve ser assim! Sthendal nos seus devaneios artisticos, quando ia para as galerias de quadros de Roma gosar as bellezas d'aquellas pinturas soberanas, isolado e entregue ao seu pensamento, á sua analyse, acontecia-lhe muitas vezes ficar perturbado pelo juizo estupido d'um visitante que lançava uma opinião sobre o quadro que elle dissecava, gosando-o! Ora eu não quero essas perturbações!...

E sentava-se; ficava, de subito, muito sereno a responder ao meu enthusiasmo com o seu eterno sorriso patriarchal, com uma luz ardente nos olhinhos vivos.

Perguntei-lhe então como compunha as suas obras, como fazia esses trabalhos tão seguramente lançados.

—Primeiro faço o plano geral—disse elle—tenho um livro onde lanço todas as minhas observações, onde systematiso todas as idéas, junto a isso as acquisições que faço quotidianamente e, quando me sento para trabalhar, tenho já tudo diante como um mappa da região em que vou viajar!...

«Aqui estão os materiaes sobre Camões, o meu primeiro livro a sair.

Indica-me uma ruma de livros que toma um canto

1877 — Cancioneiro Portuguez do Vaticano. Breslau.
» — Michelet. Conferencia. Lisboa.
» — Academia. (Collaboração.) Madrid.
» — Revista da Litteratura Popular. (Collaboração.) Roma.
1878 — Cancioneiro Portuguez do Vaticano. Lisboa.
» — Voltaire. Conferencia. Porto.
» — O Positivismo, (vol. I.) Porto.
» — Historia Universal, (vol. I.) Lisboa.
1879 — Soluções Positivas da Politica Portugueza. Lisboa.
» — Cartas Curiosas do Abbade Costa. Coimbra.
» — O Positivismo, (vol. II.) Porto.
1880 — Historia do Romantismo. Lisboa.
» — Parnaso de Luiz de Camões. Porto.
» — Os Luziadas. (Edição para o Centenario de Camões.) Porto.
» — Origens Politicas do Christianismo. Porto.

1880 — Biographia de Camões. Lisboa.
» — Retrato e Biographia de Camões. Lisboa.
» — O Poema de Camões. Lisboa.
» — O Positivismo, (vol. III.) Porto.
1881 — Questões de Litteratura e Arte Portugueza. Lisboa.
» — Plutarcho Portuguez. (vol. I.) Porto.
» — Theoria da Historia da Litteratura Portugueza, (2.ª edição) Porto.
» — Dissolução do Systema Monarchico Representativo. Lisboa.
» — A Era Nova, (vol. III) Lisboa.
1882 — Os Luziadas. Lisboa.
» — Historia universal, (vol. II) Lisboa.
» — O Positivismo. (vol. IV) Porto.
1883 — Contos Populares do Brazil. Porto.
» — Contos Tradicionaes do Povo Portuguez. Porto.

do gabinete, mostra-me mais uns seis massos de papeis, sorri e parece apossar-se d'elle um desejo enorme de me mostrar os seus thesouros... Abre a gaveta d'um movel, sacca mais massos, sempre mais, e explica:

—Sobre José Agostinho, sobre o Cancioneiro portuguez, sobre Gomes Freire e sobre Herculano...

—Herculano?! Pois vae tambem tratar Herculano?! — pergunto, admirado de como o escriptor tem tempo para tantas buscas.

—Sim, vou... Quero mostrar as suas soluções negativas... Herculano não é o que se pensa! E' certo que não concordou com muitas cousas, mas algumas ha que se devem acclarar! Agora, os herdeiros vão publicar as suas cartas e parece que querem cortar d'ellas alguns periodos em que elle se insurge... outros em que elle transige. Ora não póde ser assim... Um homem deve apparecer á posteridade como realmente foi...

Havia n'aquellas palavras a grandeza rigida que já lhe conhecia e, então, Theophilo não me deixa esperar, continua a explicar o seu processo litterario:

—Redijo, sem procurar a perfeição, no momento. Quero dar primeiro a forma viva... Retoco, depois, na prova, indicando ao typographo o processo que deve usar... Não quero a hypocrisia nem na forma. Tudo deve ser natural...

E elle é bem natural quando me diz isto com o seu ar de bonhomia, com o seu lento repassar das mãos uma sobre a outra.

THEOPHILO BRAGA NO JARDIM DA SUA CASA

©

—E como entrou para o Curso Superior de Lettras?!...

Anima-se de novo. Aquelle homem, na sua apparencia fria, é um extranho nervoso; parece reviver com as suas recordações, fala com um enthusiasmo enorme, marcando-se, então, muito mais, o seu sotaque ilheu.

—Em 1867 formei-me em Direito. A faculdade convidou-me a tomar capello. Não fiz logo concurso para lente substituto porque n'esse anno acabaram esses logares na Universidade. Esperei com paciencia. Em 1871 houve quatro vagaturas e rejeitaram-me em favor d'outros que ahi estão vivos e nunca se affirmaram... Ri, então, com gosto, conclue.

«E' como se estivessem mortos!...

«Concorri á cadeira d'Economia Politica da Academia Polytechnica do Porto. Deitaram-me onze favas pretas. Antonio Gyrão, então lente do estabelecimento, disse que só um concorrente era aguia... Foi votado um cunhado de um membro do jury... Não pensei mais na Universidade, nem na Academia Polytechnica... Era um escorraçado e carecia viver intellectualmente. A advocacia não me agradava; só no professorado tinha esperanças e, então, concorri ao Curso Superior de Lettras. O outro candidato era Pinheiro Chagas... Os examinadores eram Innocencio, D. José de Lacerda, Sousa Lobo, Levy Jordão e Antonio José Viale. A cadeira era a de Litteraturas modernas, vaga pela passagem de Soromenho para a de Historia... Quizeram reprovar-me... Luctei como um desesperado e fiz um terrivel concurso... A sala encheu-se até á porta... Era novo e defendia-me... Disse cousas amargas e calorosas! Espavoriram... Chagas preparara-se para falar meia hora e a prelecção durava ha uma hora! Entrou a repisar o que dissera... Já se faziam apostas... Os lentes da Polytechnica, com Manuel Bento de Sousa á frente, deliberaram apostar uns jantares denominados, desde logo, á *portugueza* e á *franceza*; o primeiro seria dado pelo partido contrario se eu vencesse, o outro, pelos meus partidarios, se Pinheiro Chagas fosse o vencedor... Quizeram, então, no ultimo dia do concurso, afastar os ouvintes. Transferiram a lição para um sabbado, em segredo, mas até nas escadas havia gente e eu fui approvado! Tinha o meu subsidio espiritual, ganhava a certeza de poder trabalhar ao abrigo d'esse meu esforço... Quando vagou a cadeira de Litteratura grega, Chagas receou-me e não quiz concorrer... Temia a minha má vontade! Encarreguei alguem de lhe dizer que viesse... Eu era seu amigo, elle tinha valor... Chagas concorreu e foi um bom collega...

«De resto, fiquei sempre n'aquella cadeira... não quero mais nada... Fiz já trinta annos d'exercicio n'este logar e ainda não me deram o terço do ordenado que me compete. E' necessario requerer... Eu não o faço! Quando o Estado me pede os impostos eu pago-os sem recalcitrar, elle que me pague tambem sem eu pedir... Mas deixal-o... Só lamento que a vida seja tão curta... Tenho passado maus boccados mas tenho tambem gosos moraes!... Aos meus alumnos só devo gentilezas... Deixal-o que me esqueçam os outros... O Estado... Que importa?!

E tinha nos olhos a mesma luz viva e bem confiante era o seu sorriso.

©

—Qual é a outra pergunta do seu inquerito?!—interrogou ao fim d'uns minutos, debruçando-se na mesa.

—E' ácêrca da litteratura dos ultimos tempos.

1883 — Excerpta de um Cancioneiro Quinhentista. Evora.
» — Revista de Estudos Livres, (vol. I) Porto.
1884 — Systema de Sociologia. Lisboa.
» — Miragens Seculares. Porto.
» — Os Centenarios. Porto.
» — Revista de Estudos Livres, (vol. I) Porto.
» — Ilustracion Iberica, (Collaboração) Porto.
1885 — Contos Populares do Brazil. Porto.
» — O Povo Portuguez nos seus Costumes Crenças e Tradições Coimbra.
» — Curso de Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Revista de Estudos Livres (vol. III) Porto.
» — Cancioneiro Popular Gallego. Prologo. Madrid.
1886 — Fabulas de Lafontaine. Prologo. Porto.
1887 — A primeira Poesia impressa de Camões. Lisboa.
1888 — Os Luziadas — Epopêa da Civilisação Moderna (1.ª edição do Porto.)
1889 — Um Soneto de Camões glosado por Philippe II. Lisboa.
1890 — Revista de Portugal, (Collaboração.) Porto.
» — Circulo Camoneano, (Collaboração.) Porto.
1891 — Manifesto e Programma do Partido Republicano. Lisboa.
» — Historia da Universidade de Coimbra, (vol. I.) Lisboa.
» — Camões e o Sentimento Nacional. Porto.
1892 — As Modernas Ideias da Litteratura Portugueza. Porto.
» — As Lendas Christãs. Porto.
» — Raios de Extincta Luz (Inedita de Anthero). Lisboa.
» — Camões, a Typographia e a Sciencia no Seculo XVI. Lisboa.
» — O Centenario da Descoberta da America. Lisboa.
» — A Synthese Castilhiana, (Prologo). Coimbra.

—Ah! a litteratura?! O escriptor de maior influencia ocial?! Mas entendo que devemos dizer de mais nefasta nfluencia .. Olhe, como historiador, Oliveira Martins. A sua *Historia de Portugal* enche nos de tristeza. Desnacionalisou-nos! Herculano fez o mesmo . Os outros escriptores podem ter talento, alguns teem-no e muito, mas não contribuem para a regeneração do paiz .. Falta-lhes o ideal e a philosophia, por isso não exercem influencia. Os litteratos pensam mais no brilhantismo da forma do que no conteúdo. São, como disseram de Latino, estylistas á procura d'idéas. Comte não tinha estylo e veja o que fez. Em Portugal não se serve um pensamento social, não se vae até ao povo, escreve-se d'uma maneira que elle não comprehende! Só admiro o inspirado Garrett de tres epocas, a de 1820 que marcou a data da revolta, a de 36 que o fez demonstrar a falsidade da Carta e a de 46 que o põe em lucta contra a reacção palaciana..

—E o theatro?! — interroguei então anciosamente, esmagado por aquella franqueza tão calorosa.

—O theatro, esse, abre fallencia... Não é só aqui, é por toda a Europa . Não corresponde ao estado da alma moderna. Só pinta cousas dissolventes! Molière foi n'isso prodigioso, mas, então, era necessario mostrar os aleijões. Agora chegámos a um tempo em que é necessario mostrar cousas bellas, de maneira que o espectador possa fazer a imitação do modelo, como o antigo christão desejava imitar o seu Christo! Esses typos de bondade e de grandeza que eu sonho não existem, talvez ainda, mas é necessario que o theatro vá adeante das sociedades a dar essas figuras, que serão modelos e precederão o homem como elle apparecerá no futuro, são e digno, grande e bello!

A CASA DE THEOPHILO BRAGA NA TRAVESSA DE SANTA GERTRUDES N.º 70

«Dispomos de scenarios que encantam os olhos, guardas-roupa que deslumbram, armas tão bellas postas ao serviço de cousas sem ideaes! Ninguem fez theatro em Portugal... Ninguem... Ha tempos, Marcellino Mesquita mandou-me o seu drama *Almas Doentes*; disse-lhe isto mesmo... Quizeram que eu fizesse parte do jury que deu um conto de réis ao *Auto dos Esquecidos*. Ora, meu amigo, recusei... Não ha theatro... Nem mesmo theatro historico! Todo errado, todo comesinho! O drama historico deve dar as epocas nacionaes sem mentiras, deve ser como uma commemoração e é uma especulação. Todo falsificado, meu amigo! .. Se fizessem as figuras com verdade, que ensinamento n'algumas! Mas não fazem... Buscam cocegar as platéas ou tocar-lhes nos sentimentos diversos com mentiras! ..

—Não pensa em escrever para o theatro?! ..

A CASA DE JANTAR DE THEOPHILO BRAGA

Levantou-se novamente e declarou com firmeza:

—Sim, se tiver vida...

Achou, de novo, que lhe faltava o tempo para realisar o seu ideal.

— Penso em escrever para o theatro, realmente. Trabalho em um drama... *O Gomes Freire*... E' uma epoca de decadencia em que o portuguez surge victorioso...

Com os seus sessenta e tres annos mostra o ardor d'um rapaz, conta trechos da peça, faz viver as figuras e acaba por dizer:

—Mas a vida é curta...

◎

Sobre musica diz que ella é, para o seu espirito, um documento. Não é um emocionista. Admira os que compõem idéas musicaes. Distingue o vocalista do instrumentista. A voz humana é a melhor definidora das paixões, dá melhor, do que todos os accordes, a caricia e o grito, a dôr e o amor, a colera e a ternura. Os compositores, geralmente, abafam as vozes, quando a sua missão é auxilial-as e dar o commentario á phrase. Os maiores compositores são os que mais servem a evolução para onde caminha a musica. Berlioz foi o primeiro que comprehendeu que um instrumento tem tintas no seu timbre; Gluck foi o que começou a dar á voz a supremacia que lhe competia. O drama de paixão vem com Mozart e com Beethowen e Weber. Wagner fez a synthese. Veiu da Canção do seculo XII até ao seculo XIX, saindo dos esgotados moldes italianos.

Agora ha um mundo novo a conquistar: a expressão! A raça, os sentimentos religiosos, a nacionalidade, todas estas cousas podem ser expressas em musica. Os compositores só procuram effeitos. Por isso não se contenta com nenhum, admirando, no emtanto, com os que já disse, Schumann e Schubert, que acordaram a Canção germanica, Weber, Haydn, o puro, e Gluck, mas repugna-lhe Verdi. E' necessario dar a vida atravez as cousas e, quando ouve musica, é para sentir a linguagem do ineffavel e não para lisongear os ouvidos...

E vê-se, assim, sempre o mesmo homem, desejando a marcha eterna da perfeição atravez as artes!...

1892 — Ontomnaes. (Prologo.) Porto.
» — Exposição Popular do Positivismo. (Prologo.) Porto.
1893 — Alma Portugueza. (Excriptas lyricas.) Porto.
1894 — O Mar Tenebroso. Porto.
» — Visão dos Tempos. (vol. I e II) Porto.
» — Contos Phantasticos. (2.ª edição.) Lisboa.
» — A Patria Portugueza. Porto.
» — D. Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade. Lisboa.
» — Tercetos de Luiz de Camões. Lisboa.
1895 — Visão dos Tempos. (vol. III e IV) Porto.
» — Historia da Universidade. (vol. II.) Lisboa.
1896 — Introducção e Theoria da Historia da Litteratura Portugueza. Porto.
» — Sá de Miranda e a Eschola Italiana. Porto.
» — Anthero do Quental, Rodrigues de Freitas. Lisboa.
1897 — Bernardim Ribeiro e os Bucolistas. Porto.
1898 — Prosas de João de Deus. Lisboa.
» — Rhapsodias da Epopéa Portugueza. Lisboa.
» — O Baptismo das Náos. Lisboa.
» — Gil Vicente e as Origens do Theatro Nacional. Porto.
» — Eschola de Gil Vicente. Porto.
» — Historia da Universidade de Coimbra. (vol. III) Lisboa.
» — Memorias para a Vida de José Agostinho de Macedo. Lisboa.
» — Proposta para a Impressão dos Cancioneiros Trovadorescos. Lisboa.
1899 — A Arcadia Lusitana. Porto.
» — Obras Ineditas de Macedo. Lisboa.
» — Os Doze de Inglaterra. (Excerpto.) Lisboa.
1900 — Garrett e o Pantheon. Coimbra.
» — Obras Primas de Chateaubriand. (2.ª edição.)

—E o futuro de Portugal, o que pensa d'elle?!

Aguardei, anciosamente, a sua resposta. Theophilo declara terminantemente:

—Portugal é o que forem os seus filhos!

Diante do sorriso com que acolhi essa phrase, que parecia desmentir o que tinha ouvido ácerca da nossa vida intellectual, elle explica serenamente:

—O portuguez é grande fóra do paiz, tanto como marinheiro nas armadas americanas, como estudante nas escolas allemãs e francezas! Em Portugal somos apagados, lá fóra resurgimos. O que é isto?! E' o meio! Temos materia prima, o que nos falta é atmosphera. Ninguem põe em fóco qualidades superiores, porque basta bajular, traficar, entrar no caminho do compadrio. D'ahi a decadencia! Ora ouça... Eu trabalhei, vim, como já lhe disse, fazer o meu concurso, e um dia encontrei um condiscipulo, que ficára sempre reprovado na Universidade. Era um Sant'Anna, todo de janotismos e videirismos. Um mediocraceo! O' Theophilo—gritou elle quando me viu—pois tu, homem de Deus, tomaste capello em Direito para ganhar 600$000 réis?! Ora, sempre és tonto...

—E tu... tu...

—Eu tenho 1:900$000 réis por anno. Arranjou-me um parente... Estou bem na Alfandega!... Oh! mas que tolo...

«Aquella phrase, meu amigo, era a synthese d'isto tudo, de toda esta vida nacional!

Agora, ri alegremente, parece uma criança a rir e acaba por dizer:

—Com as nossas qualidades de raça seremos resistentes; pelo nosso dominio colonial seremos sempre nação. A Europa, hoje, tem a necessidade d'uma larga expansão mundial. O nosso futuro está, pois, no novo equilibrio europeu.

«A Europa, para se equilibrar, carece de espalhar os seus productos pelo mundo: essa expansão, a fazer-se, é tida para a Africa, Asia e America e passará pelo Atlantico. O Atlantico é nosso e a necessidade de que sejamos autonomos para não pertencermos mais a estes do que áquelles, e a nossa situação de potencia neutra, salva-nos. Nenhum paiz grande consentirá que outro nos empolgue, porque todos nos desejam neutros... Então, á sombra d'essa neutralidade e servidos por homens novos, poderemos preparar em tranquillidade o futuro e crear, ainda um grandioso imperio africano...

Theophilo continuou a falar; fiquei a ouvil-o. No fim estendi-lhe a mão, tive vontade de o apertar nos braços. Elle, commovido, disse-me:

—E' pena a vida ser tão curta para este apostolado! Não se póde fazer tudo que se deseja. Ah! Espero, no emtanto, acabar a minha Historia.

E, já na rua, vendo que passara ali cinco horas, reparei com pasmo que ninguem, absolutamente ninguem, emquanto ali estivera, batera á porta d'aquella casinha tranquilla e d'azulejo pallido, á esquina d'uma travessa pobre, de silencio e de tristeza, onde mora, afastado do mundo official, o primeiro escriptor d'este paiz.

E ninguem batera... ninguem!...

ROCHA MARTINS.

1900 — Mais Mundos, Rio de Janeiro.
» — Camões, (Separata da Encyclopedia Illustrada) Porto.
» — João Francisco Lisboa, Maranhão.
1901 — Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia, Porto.
» — Eça de Queiroz e a sua Obra. Lisboa.
» — Ineditas de Macedo, (Censuras.) Lisboa.
» — Uriel da Costa. Lisboa.
» — Psychose do Fausto. Coimbra.
1902 — Historia da Universidade de Coimbra, (vol. IV) Lisboa.
» — Bocage, sua Vida e Epoca Litteraria. (2.ª edição.) Porto.
» — Os Doze de Inglaterra. Porto.
» — A Questão Religiosa em Portugal. Porto.
» — Idem. Portalegre.
» — Cancioneiro Geral. (Prologo.) Evora.
» — Historia da Poesia Popular Portugueza. (Origens.) Lisboa.
» — Quarenta Annos de Vida Litteraria. Lisboa.
» — Obras Completas de Garrett. (2 vol. in-4.º) Lisboa.
1902 — Idem (28 vol. in-8.º) Lisboa.
1904 — Garrett e o Romantismo. Porto.
» — Antonio José—Martyr do Livre Pensamento. Lisboa.
1905 — Historia da Poesia Popular Portugueza. (Cyclos epicos.) Lisboa.
» — Frei Gil de Santarem—O Fausto Portuguez. Porto.
» — Garrett e os Dramas Romanticos. Porto.
» — O Frei Luiz de Sousa, de Garrett. (Prologo.) Lisboa.
» — Tricentenario da Publicação do Dom Quixote.
» — Quem foi o Auctor do Segundo Dom Quixote?
» — Cervantes de Saavedra. (No Occidente.) Lisboa.
» — Paulo e Virginia. Trad. inedita de Bocage (com a Biographia de Bocage.)
» — O Festival de João de Deus.
1906 — Spinosa. Conferencia Historica e Philosophica.
Volumes: 112
Opusculos: 46

A SALA DE LUCILIA

AS NOSSAS ACTRIZES

I

LUCILIA SIMÕES

Desde as recitas d'*O Grande Cagliostro,* no principio de novembro, e em que tão deliciosamente fazia o papel de *Lorenza Feliciani Balsamo,* Lucilia não reapparecera no palco do D. Amelia, até agora monopolisado pelas maravilhas scenicas da *Venus*. O seu regresso á scena, no papel commovedor da protagonista do *Detour,* veiu chamar de novo as attenções sobre a mais nova das grandes actrizes portuguezas.

LUCILIA NO 2.° ACTO DA «EXTRAVIADA»

Artista por temperamento e por herança, quasi educada no palco, creada como uma princezinha no regaço de uma mãe celebre, Lucilia é hoje a unica actriz em Portugal capaz de desempenhar com a airosa e requintada graça e a subtil intenção da Eva moderna as heroinas do theatro comtemporaneo.

Com o seu signalsinho na face e o seu narizito gaiato, de narinas que parecem tremer á mais leve contracção physionomica, Lucilia lembra a revivescencia original de uma preciosa do tempo de Watteau. Bonita? Melhor do que bonita, porque tem essa *beauté du diable,* onde todos os pequeninos defeitos são bellezas. Nenhum pintor se lembraria d'ella para modelo de uma composição classica. A essa antiquada e solida formosura das Junos, de aquilineo nariz e labios em arco, pesadas como marmores e impenetraveis como imagens, succedeu na mulher moderna uma belleza toda espiritual, feita de serpentina elegancia e de gestos harmoniosos, em que a obra espontanea da natureza é retocada pela obra laboriosa dos sentimentos. Lucilia tem como ninguem a formosura da mulher moderna. De uma distincção de raça nobre, com a innata linha fidalga da attitude, a nenhuma actriz portugueza, como a Lucilia, vae bem o vestido de baile, o chapéo

O QUARTO DE DORMIR

dernier cri, *a toilette* de *grande tenue* e o titulo heraldico das heroinas de Capus, de Brieux e Lavedan.

Do extremo requinte com que ella reveste a sua vida domestica teem os leitores da *Illustração Portugueza* uma nitida idéa passando a vista pelos interiores da sua linda casa da rua de S. Filippe Nery, pequenina como uma caixa de amendoas, toda ella posta com os sabios confortos e a elegancia de quem, ao nascer, surprehendeu o Rio de Janeiro com os luxos reaes de um enxoval, exposto nas vitrines das lojas como uma maravilha de gosto e de riqueza.

Melhor do que um longo artigo a descrevem e a explicam estas minusculas salas perfumadas, estylisadas, onde Lucilia vive com uma grande simplicidade e estuda com uma laboriosa applicação. Todas as predilecções da mulher moderna e todas as delicadas exigencias de um temperamento de artista se adivinham na disposição dos moveis, na escolha dos adornos, na graça leve, aristocratica, de *grande dame*, que resalta do arranjo interior, tão intimo e galante da sua ca

E' a essa distincção natural que Lucilia dev sobretudo, a rapida imposição do seu talento actriz. Desde o seu *debute* em Coimbra, em 18 fazendo o papel de Maria no 2.º acto do *Fr Luiz de Souza*,— porque o destino, que lhe res vava a celebridade, quiz que ella debutasse n'un obra prima,— até á recita do *Detour*, a carrei de Lucilia tem sido um permanente triumph de todas as noutes. Essa afilhada da Univer dade — como a baptisou aos 15 annos a Acad mia,— atravessou victoriosa, por entre acclam ções, em pouco mais de dez annos, a melindro evolução de um temperamento que se defin que se fortifica, que se orienta. Desde os roma tismos das saias curt até ás subtilezas int lectuaes da alta com dia moderna, passan pela crise nervosa d heroinas revolta emancipadas e so brias do theatro do N te, Lucilia foi semp uma artista, na ma nobre accepção da p lavra, antes mesmo ser, como hoje é, um grande actriz.

O «BOUDOIR» DE LUCILIA

Quando com tres m zes de ensaios e edade em que as rap rigas começam apen a pensar na saida collegio, Lucilia app receu no palco, nerv sa mas resoluta, para representar pela primeir vez a *Francillon*, essa mulher ainda a cresce ainda a formar-se, delicada como um Saxe, fres como uma rosa, era já, na prodigiosa sensibi dade e na surprehendente intuição das cousas das almas, uma artista.

A CASA DE JANTAR DE LUCILIA

Com a sua chegada, a scena portugueza adquiria, emfim, a interprete do grande repertorio, para nós ainda inedito, do theatro contemporaneo. Nas *tournées* do Brazil, em que acompanhou sua mãe e sua grande mestra, Lucilia exercitou-se, com as tenazes resoluções da mocidade, em todos os generos do drama, do melodrama, da comedia e da alta comedia. Foi esse para ella um periodo trabalhoso de estudo e proveitosas lições, de onde voltou para o triumpho inolvidavel da *Casa de Boneca*, no Gymnasio, onde a consagraram as ovações unanimes de um publico contagiado de enthusiasmo.

N'essa noute nunca esquecida, Lucilia, com vinte e dois annos apenas, conquistara perante o publico e perante a critica a honra de ser considerada como a legitima e digna successora da actriz admiravel que é sua mãe.

A recita do *Detour* encontra-a com 27 annos incompletos e com uma reputação que outras, não

LUCILIA NO 1.° ACTO DA «EXTRAVIADA»

LUCILIA NO 3.° ACTO DA «EXTRAVIADA»

menos illustres, alcançaram bem mais tarde no theatro portuguez.

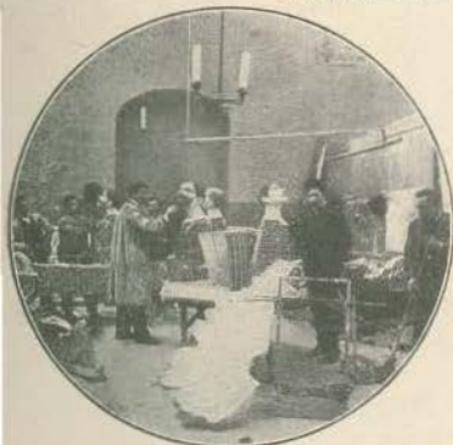
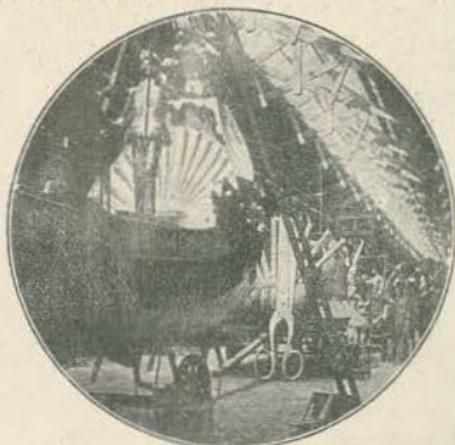
Se Lucilia resolvesse hoje abandonar a sua carreira, o logar primacial que occupa na scena ficaria — não se pode prever por quantos annos! — devoluto. Com ella desappareceria essa sciencia de *trainer dans les planches une robe de bal*, de que fala Dumas, e essa outra sciencia, bem mais subtil e preciosa, de incarnar no moderno theatro, com os radiosos talentos da verdade, as desventuras e as alegrias, os desfallecimentos e as virtudes, as submissões e as revoltas da inquieta e complicada mulher contemporanea.

A MAIS LINDA CORISTA DOS THEATROS DE LISBOA

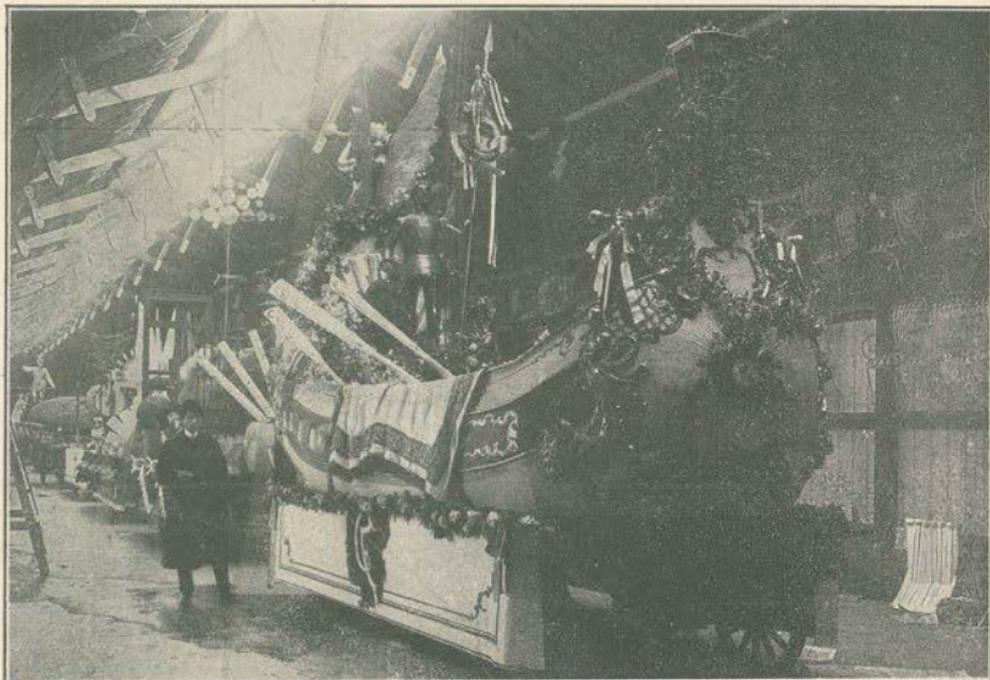
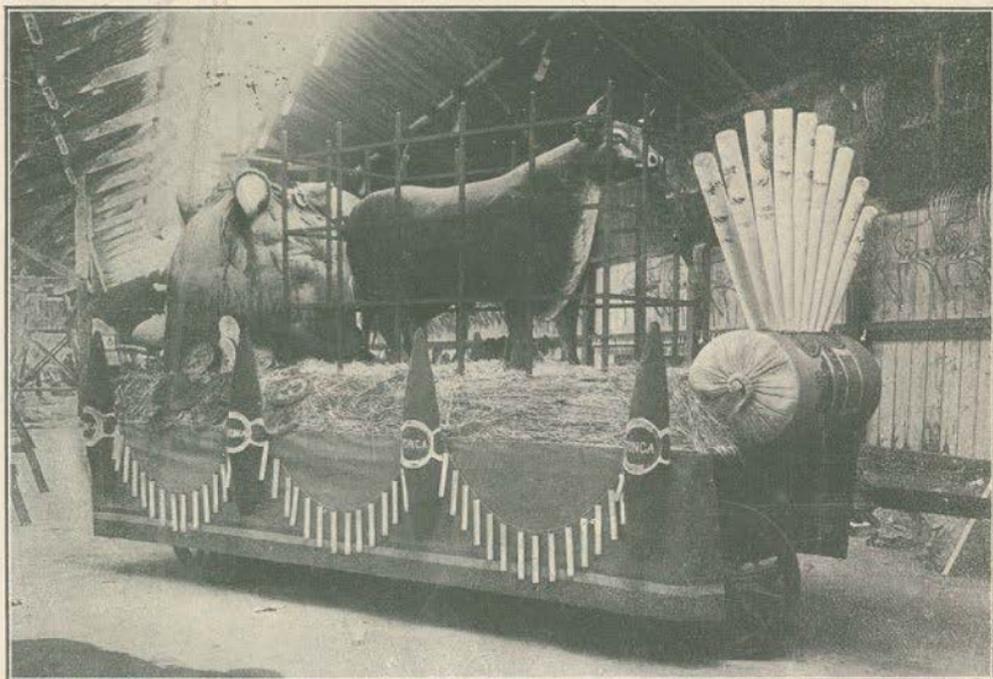
Bertha da Silva, do theatro do Principe Real, na revista «o Anno Passado»

ATELIERS DE GUARDAS-ROUPA

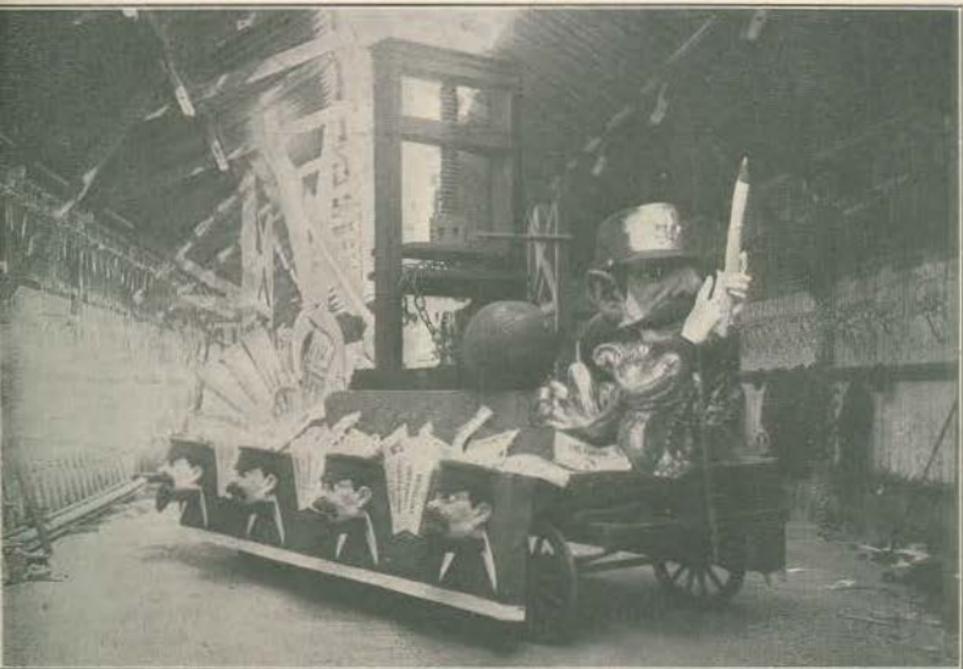
ATELIERS DE DECORADORES E FLORISTAS

OS ULTIMOS PREPARATIVOS NOS ATELIERS

ATELIERS DE MODELAGEM

PAVILHÃO ONDE SE ESTÃO CONSTRUINDO OS CARROS

O CARNAVAL NO PORTO:—Os preparativos para o cortejo dos Fenianos

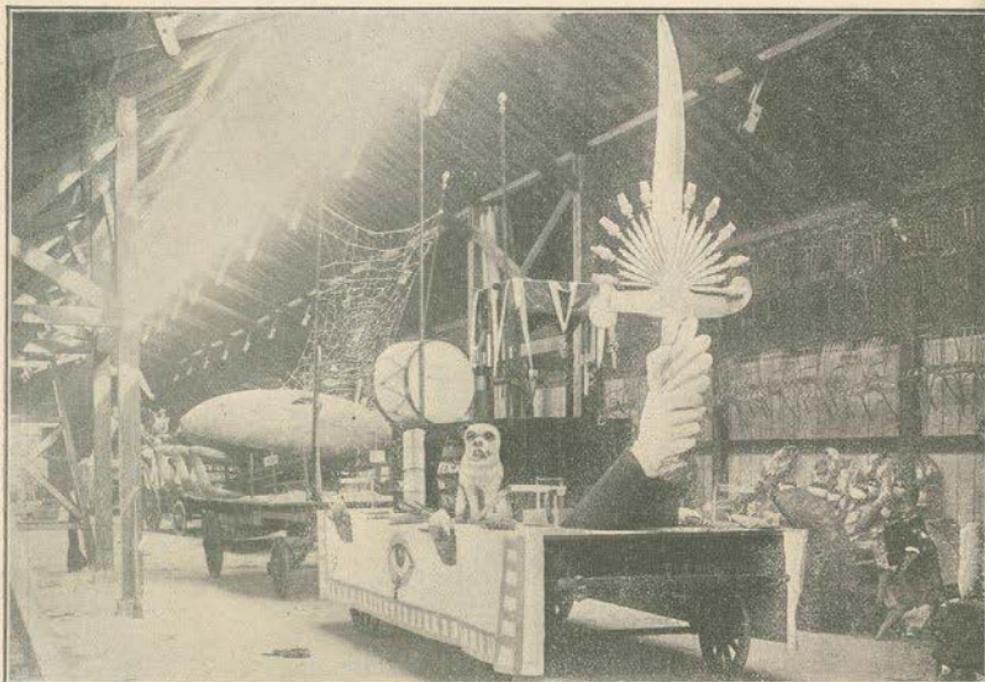
Photographias do Estereoscopio Portuguez de Aurelio Paz dos Reis—PORTO

OUTRO ASPECTO DO CARRO DA «CIDADE», ONDE É CONDUZIDO O ESTANDARTE DO CLUB DOS FENIANO

O CARRO DOS «TABACOS»

O CARNAVAL NO PORTO: — Alguns carros do cortejo do Club dos Fenianos

(Clichés de Guedes d'Oliveira)

O CARRO DA «CENSURA»

O CARRRO DA «CIDADE» — *Projecto de Augusto Pina*

O CARNAVAL NO PORTO: — Alguns carros do cortejo do Club dos Fenianos

(Clichés de Guedes d'Oliveira).

CARROS EM CONSTRUCÇÃO: — O CARRO DO «PROGRESSO», O CARRO DA «POLICIA», ETC.
O CARNAVAL NO PORTO: — Alguns carros do cortejo do Club dos Fenianos

(Clichés de Guedes d'Oliveira)

PROJECTO PARA O CARRO DA
ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA
DE
CANAL